



ALICE CALHOUN

Para todos ...
anno IV ~ num. 179

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis eficazmente, sem o perigo das injeções. É depurativo energético e tônico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, tais como: manchas, fistulas, placas, eezemas e reumatismo, desaparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saúde e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tônico agradável de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositorios Geraes : GALVAO & C.
LADEIRA SANTA EPHIGENIA N. 9 —
S. PAULO.



Se na "toilette" feminina se suprimissem os valiosos recursos do toucador, desapareceriam igualmente muitos encantos faciaes pelos quaes triumph a belleza da mulher.

Concretizando o caso, pôde-se affirmar que sem o uso do

PO' DE ARROZ MENDEL

não seria possível admirar essa cutis de seda, tão deliciosamente fresca e delicada, cuja exquisita e aristocratica finura imprime ao rosto um sello de soberania que captiva a nossa attenção.

IMPORTANTE — O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas.

Preço da caixa: 4\$500 réis.

Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crème) para as morenas.

A' venda em todas as Perfumarias.

Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua Sete de Setembro n. 107, 1º andar, Tel., C. 2.741 — Rio de Janeiro.

NOTA — Obsequiar-se-á com uma caixa do Pó de Arroz Mendel a toda a pessoa que de fóra desta capital enviar endereço, etc., com um sello de 200 réis para a nossa Agencia — Secção A.

MENDEL & C.

DEPOSITO EM SÃO PAULO: RUA BARÃO DE ITAPETININGA N. 50

HIPPISMO

Com um dia de céu encoberto e chovendo muito com frequência, teve o Jockey-Club, apesar de tudo, uma assistência regular às corridas que organizou para o dia 13, feriado por ser uma das maiores datas do Brasil.

Do programma destacavam-se os pareos "Criação Estrangeira", com o premio de 5 contos e, "Grande Premio 13 de Maio", com o premio de 6 contos. No primeiro inscreveram-se sete animaes, todos argentinos, e só correram quatro. Ganhou-o, com relativa facilidade, a potranca Niebla, seguida por Gariters em 68 4/5 os mil metros.

No segundo pareo, em 2.000 metros, encontraram-se os seguintes animaes, pela ordem de collocação na chegada:

Bluff, 56; Liró, 56; Alerta, 56; Mosquette, 53; Eclipte, 58; e Electrico, 52.

Dos dois pareos, este foi o mais interessante, porque decidia duvidas entre dois animaes vindos este anno do Rio Grande do Sul. Ficou evidenciado que Bluff, de carga igual, não perderá mais de Alerta; mas entre Bluff e Liró, nas mesmas condições, continua a duvida.

Os oito pareos do programma tiveram o desfecho seguinte: Primeiro: Ernschorn e Guarujá, em 97 3/5. Segundo: Mecha e Palmella, em 97 1/5. Terceiro: Killai e Místico, em 96. Quarto: Kamakura e Melindrosa, em 95. Quinto: Niebla e Gariters, em 68 4/5. Sexto: Bomjardim e Lyrio, em 103 2/5. Setimo: Bluff e Liró, em 133 2/5. Oitavo: Lucta e Atras, em 106.

O movimento do jogo attingiu, no final, a 170 contos.

✱

Ao Derby-Club tocou, a seguir, a vez de dar corridas.

Um domingo de sol brilhante, mas brando, de temperatura deliciosa, convidando para as festas ao ar livre, attraheu a esse hippodromo uma concorrência numerosa e selecta, que deu à festa um aspecto muito bonito e movimentou as apostas no total de 177 contos.

Já nos referimos, a contra-gosto, á pouca aptidão do director, Sr. coronel Dias Pereira, para o cargo de juiz de sahida, que está exercendo, em substituição, por impedimento do juiz effectivo, e hoje voltamos a insistir pela desistencia da sua obstinação ás reclamações do publico e dos proprietarios. É muito melhor ainda seria que a directoria, aproveitando o impedimento do Sr. Joppert, lhe desse um substituto definitivo, porque, releve-nos elle a franqueza rude, "é baneira que já deu cacho".

Para a funcção de juiz não satisfaz a boa vontade; é necessario "entender do riscado", saber quando os animaes estão bem, ou estão mal. Quem não os conhece, não pôde exercer o cargo, e teimar é crear voluntariamente resentimentos, queixas e quicá demonstrações mais vivas do que as que já foram feitas recentemente. O programma constava de oito pareos, que foram realizados com o seguinte desfecho:

Primeiro: Cathgorica e Atyra, em 81. Segundo: Black Suzan e Lanus, em 70. Terceiro: Nubil e Luzeiro, em 64. Quarto: Tempestade e Ernschorn, em 105 3/5. Quinto: Maneco e Argentina, em 112 1/2. Sexto: Liete e Alegro, em 166. Setimo: Dasorente e Conde Danillo, em 115 1/2. Oitavo: Colligula e Killai, sendo este ultimo annullado.

✱

As corridas de amanhã serão effectuadas no Jockey-Club, e dellas nos occuparemos no proximo numero.

A. MELLO.

Dara todos...

O QUE DIZ UMA SENHORITA

Uma só Cai-
— xa da — **PASTA RUSSA**

do Doutor G. Ricabal foi o sufficiente para **endurecer e desenvolver** os meus **SEIOS**, que estavam antes **cahidos e murchos!!!**

Agora possuo um **BUSTO** que me alegra e com esperança de vel-os como dantes.

Estou enthusiasmada com **A PASTA RUSSA** do Doutor G. Ricabal, que constitue um verdadeiro **Thesouro** para todas as **Mulheres**.



A PASTA RUSSA

do Doutor G. RICABAL

Vende-se nas principaes Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brazil.

Deposito -- **RUA GENERAL CAMARÁ N. 225**

Rio de Janeiro

AVISO -- Cautela com as **Imitações e Falsificações** perigosas!!!

Exijam sempre

A PASTA RUSSA

do Doutor G. RICABAL

Não se iludam!!



ELIXIR DE

INHAME

**DEPURA
FORTALECE
ENGORDA**

SO LONG MARY

Fox-trot — GEO. M. COHAN

REPERTÓRIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para bailes, chás, danças, etc. Rua Tavares Bastos, 8 — Telef. 223



Ilustração Brasileira --

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital: 2\$500, nos Estados.



LEITURA PARA TODOS



Magazine mensal ilustrado, acha-se à venda o 34º numero do corrente mez com um magnifico texto e artisticas gravuras. — Venda avulsa na Capital: 1\$500; nos Estados: 1\$700.

Graphologia

FRANK MAYO (Avarô) — Por mais que procurasse disfarçar, ficou bem claro o seu principal característico: a contradição de espírito. Não se sabe quando está pela cabeça ou pelos pés... Tal defeito provém muito da falta de ponderação e da insegurança intelectual denunciada por estudos de grande lucidez e de profunda obscuridade. E' claro que isso, por sua vez, define a precariedade de saúde, razão fundamental provável de todos os outros desequilíbrios. A vontade acompanha o terço, claudicando em meio os surtos da força. E o coração procede do mesmo jeito incerto, é verdade que com tendências de bondade.

MISS KATE (S. Paulo) — Podia-se dizer que era uma alma philantropica e um coração amoroso; mas de tal fraqueza se mostra a sua vontade, que só quando ninguém exercer influencia sobre ella poderá mostrar aquellas qualidades. Tem, pois, uma natureza passiva, que apenas se compraz à vontade nas divagações de um ideal intimo e muito ingenuo. E' de notar este contraste: um intenso amor ao dileito.

BONIFACIO (S. João Nepomuceno) — Espirito galhofeiro e galanteador, capaz de entreter meio mundo com suas facecias e gentilezas. O caracter não destroe essa qualidade: é muito recto, impondo-se facilmente à consideração dos que consigo tratam! E através do feito leve do espirito possui uma notavel força de vontade, que remove os mais duros obstáculos. E' de notar ainda uma bella orientação esthetica, que o torna arbitro de elegancias locais...

CARLITO (São Paulo) — Não se o

pode increpar de negligente: a sua actividade é um facto, pelo menos em conquistas de amor... E' que os traços luxuriosos apparecem possantemente em todos os cantos, e coincidem com uma excessiva fermura de espirito e coração. Mas é de notar igualmente uma tendencia constante para o trabalho quotidiano, de onde

espera conseguir o que a sua ambição não cessa de almejar, a posse do milhão. Assim, a sua existencia se divide nessas duas etapas materialistas: a do gozo e a da fortuna. E não quer saber de outra coisa a julgar pelos indícios de eguismo largamente espalhados na sua graphia. Faça-lhe bom proveito...

Moças Crianças

As moças anemicas, magras e nervosas, vivem sempre tristes e descontentes.

As crianças pallidas e rachiticas são o flagello dos paes.

Tudo isso remove-se com o uso durante um mez do **SANGUINOL**, prodigioso remedio que renova o sangue, tonifica os nervos, produz bem estar, dá cor, vida e saúde.

Nas drogarias: **Baruel & C.**, **S. Soares & C.**, **J. Ribeiro Branco & C.**, **Saue Cay & C.**, e nas boas pharmacias.

RENY

Pote 4\$000 — pelo correio 5\$000

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

INFALLIVEL — Unica que tira com absoluta garantia todas as sardas, pannos, manchas da pelle, rugas, e cura espinhas.

DEPIL

PO' DE ARROZ RENY

LOÇÃO RENY

Unico liquido que tira em 5 minutos o cabelo de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle. Preço: vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000; pelo correio 6\$500 e 12\$000.

O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Preço 2\$500. Pelo correio 3\$500.

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume do Oriente, para o banho

Algumas gotas bastam para perfumar o banho, substituindo com vantagem a agua de Colonia — Vidro grande 8\$000. Pequeno 5\$000. — Pelo correio 8\$ e 12\$000.

Magalhães & Lobo — Senador Furtado, 48



Questionario



Toda a correspondência para esta secção deve ser dirigida a **OPERADOR** — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidável affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compulsação de catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviaremos o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possível os títulos. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados Unidos.

ZEQUINHA DA MAMAE (Rio) — A remessa é de sellos respostas no valor de 25 cents (um quarto de dollar). Como o dollar está a 7 mil e pito, os sellos devem ser no valor de mais ou menos \$800.

CLÉO DO RIO (Rio) — Em *Cléo de Paris*: Cléo de Paris, Mae Murray; Elmer Harmon, Monte Blue; Phil Garrison, Edmund Lowe; Alex Smith, William J. Ferguson; Hugo Fenlon, Anders Randolph; Joseph Carleton, William Tooker; Abner Harmon, Howard Lang; Mairé de Harmon-town, William Frederick; Mrs. Dubois, M. Durant; Todd, Jeffry; Lewis.

HAROLD LLOYD (Recife) — 1º, Em *Fóra da lei*: Molly Hadden (Silky Mollen), Priscilla Dean; "Dapper Bill" Ballard, Wheeler Oakman; Black Mike Sylva, Lon Chaney; Silent Madden, Ralph Lewis; Chang Lo, E. A. Warren; *That Kid*, Stanley Goethals; *Ah Ving*, Lon Chaney; *Morgan Spencer*, Melbourne Mc Dowell; *Inspector*, Wilton Taylor. 2º, Já foi publicada uma porção de vezes; recorra á colleção. 3º, Publicaremos, não como pede, mas como for possível.

AIDA (Rio) — Agencias de fabricas estrangeiras existem: Paramount-Realart, Universal, Goldwyn, Fox, Hodgkinson e Associated Producers, unicamente. As produções de outras marcas são importadas por varios.

PAIVA JUNIOR (Rio) — Só respondemos por aqui. As duas primeiras, 485 Fifth Avenue N. Y. C. A ultima, Griffith Studio-Mamaroneck.

SUZANINHA (S. Paulo) — Quando publicamos os contos feitos sobre os enredos demos a distribuição de ambos os films. Se não os viu a culpa não é nossa.

HYGINO NUNAN (Santa Maria) — 1º, Los Angeles, California. 2º, Idem, idem, ibidem 3º, 485 Fifth Ave, N. Y. C. 4º, Identico á primeira. 5º, 67, Faubourg Saint Martin, Paris. 6º, Realart-Paramount, 485 Fifth Ave, N. Y. C.

HARRY CAREY (S. Paulo) — 1º, Nada tem uma com a outra. 2º, Desavenças por questões pecuniarias. 3º, Leia o que pedimos no cabeçalho desta secção. 4º, Por um anno. 5º, De facto, a produção de 1921 não foi lá das mais brilhantes. Efeitos da crise. Os directores são os mesmos. A nova produção entretanto (se é que lê a critica que publicamos em "As futuras estréas") parece haver melhorado.

MLLE. V. X. (Rio) — Nunca podemos assegurar quando sahirá a resposta. Escreva para Rue des Alouettes, 28, Paris, mas não espere resposta. Os artistas europeus não usam esse processo de *réclame*, nem os seus vencimentos permitem gastar como os americanos.

LUIZ BRUCE (Barreiros) — Volta. Não leu o que escrevemos? Para que pois pergunta? Não deixou. Está. Divorciada. Trabalhou.

FLOR DE MAIO (Itabayana) — Escreva ao Dr. Sabetudo, d' O Malho, que elle lhe dará a indicação pedida.

IRACEMA AMERICA (Paratyba) — Suppõe acaso que não temos mais o que fazer? Faça 5 perguntas de cada vez, obedecendo ás recommendações que encontrará no cabeçalho desta secção, e saberá o que deseja. Assim como pede, ás grozas, não pôde ser. Não ha album desse genero.

ANGLO ALAGOANO (Palmares) — Universal City, California.

BEBE' MALUCA (Limoeiro) — 485 Fifth Ave., N. Y. C.

LINDINHA (S. Carlos) — Procure em sua colleção, que ainda este anno publicamos o que deseja. Universal City, California.

SEBINHO (Pelotas) — 485 Fifth Ave., N. Y. C. E' o endereço da empresa. A carta irá ter-lhe ás mãos na certa.

COLLEIRO DO BREJO (Freiburgo) — Se fôssemos publicar todos, teriamos de qua drupli car o numero de paginas desta revista. E depois deve confessar que nem todos merecem essa publicidade por carencia de valor dos enredos. Uns traduzidos, outros feitos especialmente para esta revista.

DIRECCOES DE ARTISTAS

Dorothy Phillips, Norma e Constance Talmadge, Mme. Nazimova e Jane Noyak, United Studios, Los Angeles, California.

Richard Barthelmess, Inspiration Pictures Corporation, 365 Fifth Avenue, New York City.

Mabel Ballin, Crauford Kent, Raymond Bloomer, Norman Trevor, Hugo Ballin Productions, 366 Fifth Avenue, New York City.



Marie Walcamp, Kathleen O'Connor, Elmo Lincoln, Art Atord e Eddie Polo.



a film da semana



Bom, os filmes da semana que passou. Um dramático, intenso, forte; outro luxuoso, de grande encenação, cheio dessa opulência ruidosa de que os americanos guardam o segredo. Os mais, em maioria, ligeiras comédias, interessantes e curiosas, em que o espírito sedutor das "girls" é uma verdade incontestável.

Assim, teve o público bastante que ver. "Uma coisa adorável", de Norma Talmadge, no Odéon. Embora sem nenhuma novidade maior, como idéia, interpretação, "mise-en-scène", é sem dúvida um magnífico espetáculo cinematográfico. Dos grandes filmes, porém, que a empresa, ultimamente e em boa hora, tem oferecido à sua platéia, e entre os quais são notável se tornou o "O lyrio partido", e depois "Cléo

de Paris", essa produção de agora se intermedeia. Não tem a arte do "O lyrio partido", nem tem o luxo de "Cléo de Paris". É uma produção feliz.

"O apito", de William Hart, no Avenida, despertou grande curiosidade. Que estupenda interpretação!

Esse famoso "cow-boy", o mais notável artista dramático da scena muda, é extraordinário. Nenhum, como elle, nos tem dado essa variedade de criações.

Nesse film, William Hart patenteia com admirável felicidade todos os dotes que possui para empolgar uma platéia.

Elle é unico, no genero.

"Coça as minhas costas", produção modernissima da Goldwyn, é uma deliciosa e divertidissima comedia. Sem os recursos

intoleráveis dos Ben Turpin, comicos da feira, o trabalho dos seus encantadores interpretes agrada a qualquer platéia, interessando o mais fino e exigente espectador.

+

Essas foram as maiores produções da semana. Ainda, porém, é justo salientar os filmes de Bébé Daniels e Shirley Mason — "Bicho carpinteiro", no Parisiense e "Senhorita sorriso" no Pathé. Ambos, interessantes. E, também, "Perola do Oriente", bom film, cujos scenarios curiosos surpreendem pelo bom gosto, às vezes, e o luxo e cuidadoso esmero da "mise-en-scène" alemã.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 8 A 14 DE MAIO

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First — Nac. Circuit...	Odéon...	Uma coisa adorável (The Wonderful Thing)	Norma Talmadge, Harrison Ford, Ethel Flemming, Julia Hart, Mabel Bert e Fanny Burke.	1921	... 8 ...
Paramount...	Avenida...	Riqueza (Wealth)	Ethel Clayton	1921	... 6 ...
Paramount...	Avenida...	O apito (The Whistle)	William Hart, Frank Brownlee, Myrtle Steedman, George Stone, Will Hatton e Richard Headrick.	1921	... 7 ...
Fox	Pathé	Arvore symbolica (The Roof Tree) ..	William Russell	1921	... 4 ...
(*)	Central	Adeus mocidade (Addio giovinezza) ..	Maria Jacobini e Elena Makowska ..	?	... 3 ...
Goldwing...	Central	Coça as minhas costas (Scratch my back)	Helene Chadwick, T. Roy Barnes, Lloyd Witlock e Cesare Gravina ..	1921	... 6 ...
First — Nac. Circuit...	Rialto...	No paiz dos sonhos (Her kingdom of dreams)	Anita Stewart, Kathleen Williams e Ann Q. Nilson	1919	... 5 ...
(*)	Palais	Coração de artista (*)	Olaf Foss e Ebba Thompson	?	... 5 ...
Bioscop...	Palais	Perola do Oriente (Die perle des Orients)	Carlota Toelle, Vigo Larsen, Ferdinand von Alten, Manja Tratscheva e Magda Madeleine	1921	... 6 ...
Realart	Parisiense ..	Bicho carpinteiro (The speed girl) ..	Bébé Daniels e Walter Hiers	1921	... 5 ...
Fox	Pathé	Senhorita sorriso (Little miss smiles)	Shirley Mason	1921	... 6 ...
Paramount...	Rialto	O leuco sagaz (A wise fool) ..	James Kirkewood e Ann Forest	1921	... 5 ...

(*) Não consta do programma.

Irene Castle e Ward Crane, W. W. Hodkinson, Corporation, 527 Fifth Avenue, New York City.

Katherine Mac Donald, Ambassador Studio, Los Angeles, California.

Thomas Meighan e Antonio Moreno, Los Angeles Athletic Club, Los Angeles, California.

Alice Lake, Viola Dana, Bert Lytell, Gareth Hughes e Alice Terry, Metro Studio, Hollywood, California.

Charles Ray, Charles Ray Studios, Fleming Street, Los Angeles, California.

Carol Dempster, W. Griffith, Inc., Longacre Building, Times Square, New York City.

Juanita Hansen, Warner Brothers' Studio, Hollywood, California.

Marilyn Miller, New Amsterdam Theater, Western Forty-second Street, New York City.

Jean Paige, Alice Calhoun, Earle Williams, William Duncan, Larry Semon e Edith Johnson, Vitagraph Studios, Los Angeles, California.

Rodolph Valentino, Betty Compson, May McAvoy, Theodore Kosloff, Gloria Swanson, Thomas Meighan, Leatrice Joy, Bebe

A MÃO SINISTRA



é a leitura mais impressionante do momento. As suas peripecias são tão habilmente encadeadas, tão emotivas e tão sensacionais que o interesse cresce de fascículo para fascículo.

A sair brevemente.

Daniels, Wanda Hawley, Agnes Ayres, Lila Lee, Jack Mower, Dorothy Dalton, Wallace Reid e Theodore Roberts, Lasky

Studios, Vine Street, Hollywood, California, Also Tom Moore.

Marshall Neilan, Wesley Barry, Claire Windsor e Claude Gillingwater, Hollywood Studios, Hollywood, California.

Hope Hampton e Miriam Cooper, First National Exhibitors' Circuit, 6 West Forty-eighth Street, New York City.

Eugene O'Brien, Elaine Hammerstein, Niles Welch, Diana Allen, Conway Tearle e Nancy Deaver, Selznick Pictures Corporation, 729 Seventh Avenue, New York City.

Priscilla Dean, House Peters, Miss Dupont, Marie Prevost, Gladys Walton, Art Acord, Myrtle Lind, "Hoot" Gibson, George Hackathorne, Universal Studios, Universal City, California.

Corinne Griffith, Rockcliffe Fellowes, Alice Joyce e Webster Campbell, Vitagraph Company, 460 Fifth Avenue, New York City.

Magde Bellamy, Florence Vidor, Thomas H. Ince, Lloyd Hughes, Frank Keenan, Maurice Tourneur e Douglas MacLean, Ince Studios, Culver City, California.

CASA COLOMBO

Grandes Armazens

Continua a

GRANDE VENDA DA

CASA COLOMBO

São milhares de bons artigos
a **Preços Sem Igual!**

Visitem todos a

CASA COLOMBO



HYGIENE DA CUTIS

Tratamento e embelezamento da cutis

Eliminação rápida de **SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, CRAVOS** etc.
Scientífica alimentação da Pelle e desaparecimento das **RUGAS**

"POLLAH"

Da American Beauty Academy
-- 1748, Melville
Av. N. Y. City -- U. S. A.

CUTIS FEIA — ESPINHAS E ERUPÇÃO

Confesso que deixei de sair e apparecer a visitas, durante bastante tempo, pelo má estado de minha cutis: espinhas, erupções, pelle aspera — fizeram meu tormento por muito tempo; usei tudo que recommendaram e tudo imaginei me fizesse bem, sem obter o menor resultado. Recebendo ultimamente seu folheto ARTE DA BELLEZA, comeccei a usar o seu admiravel producto POLLAH, e, com extraordinária alegria vi desaparecer rapidamente espinhas, manchas, erupções; foram tão admiraveis os resultados e fiquei com a cutis tão bella, que custava a acreditar em resultados tão brilhantes.

Posso garantir-lhe com grande satisfação que possuo, hoje, a cutis em estado de primeira juventude. Autorizo a publicação.

Montevideo, 4 de Julho de 1918.

MANOELA MONTEIRO

Na CASA CRASHLEY & C. — OUVIDOR, 58 e nas principais perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo.

PARA O ROSTO

Farinha "POLLAH"

(AMENDOAS)

Transcripto de uma carta:

... sou muito grata pela indicação da Farinha "POLLAH". Effectivamente, depois que abandonei o uso do sabonete para o rosto e comeccei a usar a FARINHA DE AMENDOAS "POLLAH", a minha cutis ficou outra e manifestaram-se immediatamente os magnificos resultados do CREME "POLLAH".

Verdadeiramente na "FARINHA e CREME "POLLAH" encontrei o tratamento completo para o rosto, á procura do qual tanto tempo perdi.

RENATA LILIAN (Empire, New York).

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete.

O sabonete antigamente era pouco usado e ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão.

A FARINHA "POLLAH" é inigualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes.

O uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos se faz da FARINHA DE AMENDOAS "POLLAH", prova a excellencia da mesma.

A FARINHA "POLLAH" encontra-se na casa Crashley & C., Ouvidor n. 58 e nas principais perfumarias. — Em Campinas: Casa Bucci.

(PARA TODOS...)

Corte este coupon e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1ª de Março, 151 — Sob. — Rio de Janeiro.

Nome Cidade

Rua Estado

Para todos...

Em cima: os jornalistas argentinos que nos visitam, entre colegas do Rio, antes do almoço que lhes offerecem a Associação de Imprensa, no Jockey Club. — Em baixo: confrades de jornaes de Lisboa, chegados segunda-feira, Srs. Tito Martins, Paulo Freire, Edmundo de Oliveira, Adriano Guedes do Amaral e o photographo Sr. Arnaldo Garcez, d' "O Seculo" e do "Diario de Noticias".



Senhorinha
Zedith Couto.

O QUE NÃO É SÉRIO

A companhia franceza que inaugurou a estação official de 1922 por em scena, ha dias, em récita de assignatura, uma comedia de Edouard Bourdet: *L'heure du berger*. No original, creado pelos artistas do Theatro Antoine e applaudido durante muitas noites pelo publico parisiense, o entrecho dessa comedia é, com economia de palavras, assim: Francine, rapariga de quasi trinta annos, tinha na vida uma unica preocupação: cuidar desveladamente do velho pae viuvo. Excelente dona de casa, os affazeres domesticos nunca lhe haviam

deixado tempo para olhar o mundo com prazer. Do amor, conhecia o nome... Deu-se, entretanto, que a saude do ancião exigiu ares do mar.

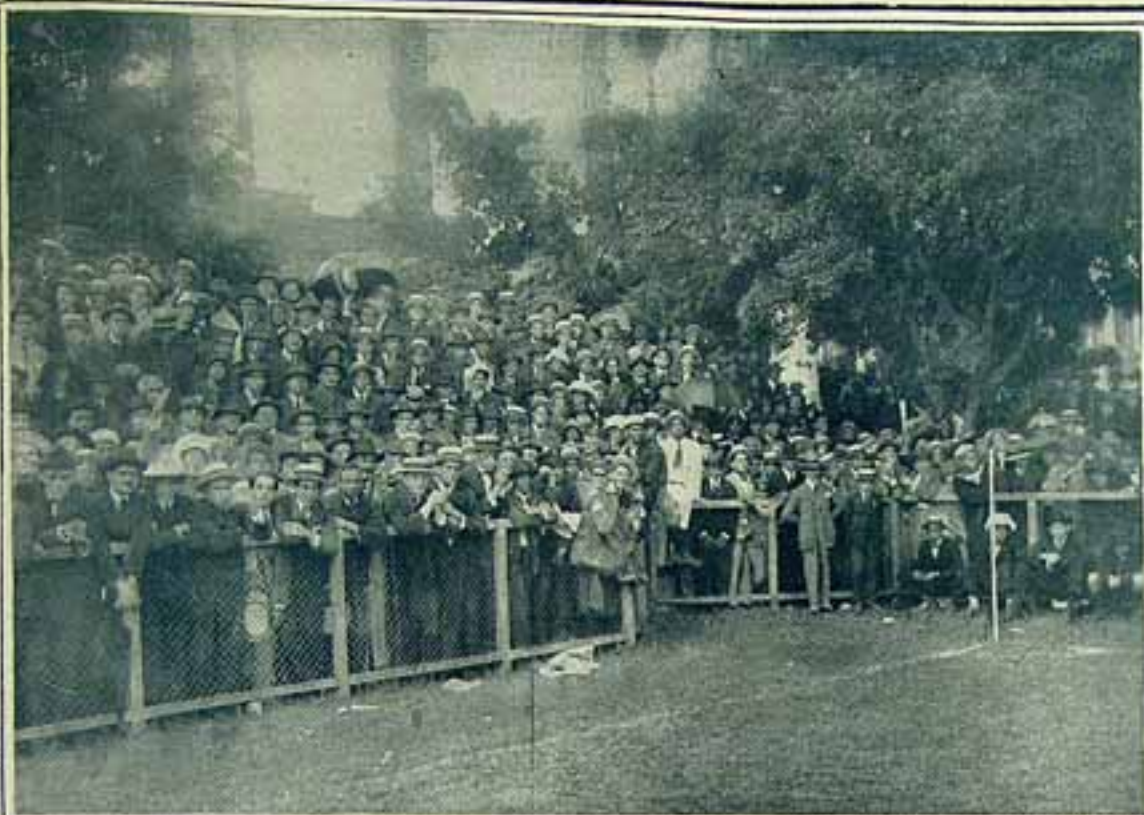
Pae e filha foram para uma linda "villa", na vizinhança de Biarritz. Lá, Francine encontrou o amor... Declarações, promessas, juras... e "quando nos casaremos?"... Ah! quando?!... Casar-se seria, enquanto o bom velho existisse, a maior das crueldades. Quem vigiaria por elle? Quem o attenderia em tudo? Impossivel. Então, para não esperarem em vão, ella consentiu em tornar-se amante do futuro marido... Prompto.

Consentiu em Paris. No Rio, não. Uma autoridade qualquer, das innumeras autoridades que pagamos, fez modificar, a bem dos bons costumes, o fim da comedia. No Theatro Municipal, como nas pretorias, o fim foi o casamento. Francine casou-se. Não sabemos, até agora, o que aconteceu ao pae...

Tambem não é sério o aviso do Departamento Nacional da Saude Publica, sobre a epidemia de typho existente no Rio, aviso que pôde ser resumido nisto: "Este Departamento communica que está grassando fortemente o typho nesta cidade. Este Departamento descobriu a origem do mal: os charcos creados pelas ultimas chuvas. Este Departamento deixará os charcos em paz e vaccinará a população."



Campeonato paulista de "football" — Ypiranga x Palestra. 1) Defesa Ypiranga; 2) Defesa Palestra; 3) Corner contra Palestra; 4 e 5) Ataques Ypiranga.



NO CAMPO
DO
FLAMENGO

*Instantaneo da
assistencia que
acompanhou
o jogo com o
Fluminense.*

NO C. R. GUANABARA



*Grupo feito, no dia 13, quando foi inaugurada a nova "gara-
ge" - Nessa occasião prestaram os guanabariños uma home-
nagem ao Sr. tenente Irineu Ramos Gomes, sendo collocada,
no edificio novo, uma placa de bronze com o nome desse bene-
merito director de regatas. Ao lado, Armando Ferreira Gomes,
da classe infantil, vencedor de innumerias provas de natção.*

REPORTAGEM PHOTOGRAPHICA



Recepção na Legação da Polónia — Baile
no Villa Isabel F. C.



Artistas que tomaram parte no concerto em benefício dos
pobres da Irmã Paula na sala nobre da Associação dos
Empregados no Commercio.



NO COLLEGIO MILITAR



Instantaneos apanhados durante a festa rea-
lizada, ha dias, no Collegio Militar, em
commemoração ao 33° anniversario d'essa
casa de ensino.





INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE RODAGEM SÃO PAULO-ITU'



Em cima: O Sr. Presidente Washington Luís recebendo as acclamações dos habitantes de Cabreúva. Em baixo: Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, em Itú.



REDACÇÃO - CHEFE
OPERADOR

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

ALICE CALHOUN tem 19 annos, apenas, é loura, de olhos azues e trabalha para a Vitagraph. Cremos que nenhum dos seus films veiu ainda ao Brasil.

No proximo numero — JACKIE COOGAN.



A PROPAGANDA PELO CINEMA

O "Daily Mirror", grande diario londrino, em um dos seus artigos recentes, dizia: "A americanisação da mocidade ingleza marcha a passos de gigante. Nas aldeias da Gales Meridional os meninos penteiam-se á americana, por isso que vêem os films americanos e só estes".

Não ha paiz do mundo cujos jornaes não possam publicar algo de semelhante á affirmativa do orão da City. De facto, todo o mundo, pelo film feito nos grandes studios yankees, se familiarison com a vida e costumes do povo norte americano, conhecendo-os mais e melhor, ás vezes, do que os da cidade mais proxima.

Não são os films feitos com o intuito commercial de propaganda. Levam entretanto aos pontos mais inacessiveis do globo, áquelles em que a civilisação mais custa a se implantar, uma visão de gente dos Estados Unidos com os seus habitos característicos, que prendem justamente pela differença que affectam dos nossos, mostrando-nos aspectos desconhecidos de que, se alguns seria aconselhavel não imitar, outros ha porém que só podem favorecer, e de facto, têm favorecido, certos habitos de que eramos absolutamente carecedores. Quem viaja pelo interior do paiz já notará a differença introduzida pelo film nos meios provincianos, que não mais se apresentam tão roneiros e atrasados nos seus habitos, ao parecer hostis outrora, a qualquer adventicio. O cultivo do sport, do exercicio physico, não é o menos estimavel desses beneficos. Contemplando os typos sadios de moços que nos apparecem na tela, ora envergando impecavelmente uma casaca, ora semi-nús em exercicios athleticos, familiares a todos os exercicios de força e de destreza, não é extranhavel que o desejo aponte em nossos rapazes de fazer o mesmo, em saudavel emulação.

E não são esses aspectos sómente. Admiramos a grandeza da industria formidavel, a technica da lavoura, as construcções imponentes das grandes metropoles, o systema de transporte perfeito, e mais que tudo as maravilhas do conforto que existem nos Estados Unidos. E assim, insensivelmente, através do film, ás mais das vezes de enredos infantis que não resistem a uma simples analyse, vai o povo norte americano fazendo a propaganda do que é seu, mostrando o que possui, a sua arte como a sua sciencia, a sua força militar como as suas industrias pacificas, a pujança dos seus recursos e as condições de sua vida, utilizando-se desse maravilhoso instrumento que é o film e que em cinco annos levou o nome da grande nação do outro hemispherio a todos os paizes, a todas as regiões do globo.

Destas columnas muitas vezes nos temos batido pela implantação da industria cinematographica entre nós. Industria cara, que exige capitães avultados, os timidos ensaios feitos com escassos meios têm sempre entre nós sido seguidos da insucesso, desalentando os nossos capitalistas, que já não se abalançam a tentaments novos.

Seria o caso de um homem de governo, de vistas largas e visão pratica tomar a peito esse assumpto. Sem o cinema não ha propaganda que valha, sejam quaes forem os

processos empregados. Bastaria a propaganda pelo cinema para nos fazer conhecidos do estrangeiro. Não porém com esses films que, de quando em quando, uma autoridade qualquer manda executar por um curioso, dando aspectos das nossas fazendas de café, sempre os mesmos. Esses films só passam, de ordinario, nos paizes de origem. O que precisariamos era de films em que, dentro de uma afabulação romantica qualquer, se mostrasse aquillo que tivéssemos conveniencia em mostrar, a nossa riqueza florestal, a abundancia dos nossos recursos agricolas, as nossas quedas d'agua, as reservas mineraes, tudo enfim quanto pudesse estimular a canalisação dos capitães para a nossa terra e a um tempo propagar geitosamente o consumo dos productos de nossa agricultura e pecuaria. E' disso que deveremos cuidar. Com o dinheiro que improficuamente todos os annos se consume em propaganda, por verbas varias de diversos ministerios, já se poderiam ter de ha muito implantado no Brasil a industria cinematographica. Mas tel-a-emos um dia?

OPERADOR.

WILLIAM DESMOND...

...a 18 de Abril soffreu um desastre de fataes consequências em Truckee, California, onde trabalhava com Laura La Plante em um film. Estava elle á beira de um penhasco quando desaggregou-se uma grande massa de gelo e neve, arrastando-o consigo e precipitando-o da altura de 18 metros, dentro do rio. Ficou com um tornozello partido e um hombro deslocado, além de gravissimas lesões internas, que não dão a menor esperanza de salvamento. A sua parlenaire, mais feliz, escapou incolume. Faz bem pouco, quando do assassinato de William Desmond Taylor, muitas cartas recebemos, indagando se aquelle director de scena era o mesmo actor. Agora a fatalidade faz desaparecer esse artista tão querido de nosso publico, poucos mezes após o seu homonymo.

O CINEMA E O VATICANO

W. Stephen Bush, correspondente de uma das revistas norte americanas, em Abril passado, escreveu de Roma uma correspondencia em que diz estar a Santa Sé estudando os meios de aproveitar o cinema como elemento de propaganda catholica. A' testa desse trabalho está Monsenhor Grassi.

Conforme recente decisão de Will Hayes, presidente da Associação dos Productores e Distribuidores, os films de Roscoe Arbuckle (Chico Boia) não serão provisoriamente exhibidos. Nos studios da Paramount ha ainda ineditas nada menos de tres produções do gordo actor. Chico Boia declarou-se profundamente chocado com essa decisão, que de alguma sorte lhe tranca as portas ao serviço cinematographico, por agora. Sua recente absolvição, por unanimidade, no terceiro julgamento a que foi submettido, dava-lhe as melhores esperanças de continuar no meio cinematographico.

Os tres films ineditos são: *Gasoline Gus*, *Freight Paid* e *Leap Year*.

Cerca de 10.000 contractos para a exhibição dos films de Chico Boia em differentes theatros e cinemas dos Estados Unidos foram cancellados em virtude dessa decisão de Will Hayes, que inicia resolutamente a sua acção para moralisar a cinematographia.

Pelas declarações feitas por Jesse Lasky, vice-presidente da Famous Players, a produção dessa empreza, que fôra reduzida em virtude da crise, a 85 films por anno, vai ser de novo intensificada, visto terem passado já os máos dias. Actualmente, disse elle, 13 companhias trabalham nos studios da Paramount, fazendo 13 films diversos, de todos os generos. Maio, Junho e Julho serão mezes de produção de grandes films.

Educação em demasia

"Keeping up with Lizzie!"

Film Rockett-Hodkinson — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Liza Henshaw . . .	Enid Bennett.
Sam Henshaw . . .	Otis Harlan.
Socrates Potter . .	W. Landers Stevens.
Dan Pettigrew . . .	Edward Hearn.
Louis Roland . . .	Léo White.
Mr. Pettigrew . . .	Harry Todd.
Mrs. Washburton . .	Lilie Leslie.
Mrs. Henshaw . . .	Victory Bateman.

Todo o tempo em que não havia clientes em visita ao seu escriptorio, Socrates Potter, o mais notavel e unico advogado de Pointview, tinha por costume descansar os pés sobre a secretária, o seu velho cachimbo Calbashi entre os dentes. Se o velho gato maltez que partilhava com elle a poeira e immundicie daquelle escriptorio fosse dotado de algum poder de observação, não deixaria de reparar em que, quando "Soc" (como lhe chamavam os vizinhos), punha os pés sobre a secretária, os olhos se lhe cravavam invariavelmente nas ponteiros das botinas. Que atractivo exerciam sobre elle os bicos das botinas, que havia nelles que justificasse a attenção de que os fazia objecto o advogado, era coisa que ninguem sabia. Mas "Soc" dizia sempre que, quando melhor pensava, era quando tinha o velho cachimbo acceso e os olhos cravados nos pontos extremos daquellas botinas desbeijadas e cobertas de pó.

Certa tarde de junho, num anno que não vem ao caso citar, "Soc", sentado na sua póse predilecta, meditava a seu modo sobre a estranheza da vida e as peculiaridades do tempo. Decerto procurava ha pedaço, decifrar um terrivel mysterio que finalmente acabava por esclarecer, sem o que não se explicaria o sorriso que lhe subiu repentinamente aos labios, nem o commentario que fez em voz alta ao maltez, seu unico ouvinte:

— E' isto, estamos vivendo no seculo dos aeroplanos. Os inventores arranjaram as machinas para nos levar ás alturas, — ás mesmas alturas por onde andam os preços de tudo quanto é essencial á vida. Dahi, o gastar-se o dinheiro mais depressa ainda do que se gastam as solas das botinas!...

Essa ultima observação, certo lh'a suggerira a circumstancia de haver elle nesse momento observado que as solas das botifarras que trazia estavam a requerer os cuidados do remendão local. Interessado por essa descoberta, "Soc" inclinou-se para a frente a examinar o seu calçado, e justamente nessa occasião a porta abriu-se e penetrou na sala Sam Henshaw, um dos merceeiros da aldeia. "Soc" voltou-se e acolheu o visitante com estas palavras:

— Olá, Sam! Que te traz por aqui? Levantar dinheiro, renovar o testamento, intentar alguma acção...

Sam Henshaw mostrou-se embaraçado pela pergunta desabrida, e puxando para mais perto da secretária de "Soc" a cadeira dos clientes, que occupava, respondeu: — Nada disso, "Soc". Venho tratar de Liza...

— E que é que tem Liza? Alguma novidade? — indagou "Soc" que vira crescer

a formosa filha do merceeiro desde quando ella mal se aprumava nas pernhas.

Sam hesitou um momento, e respondeu depois com uma phrase curta:

— Ella anda-me a perder muito tempo com aquelle tal de Dan Pettigrew...

— E que tem isso? Dan é um bom rapaz. O pae delle é um merceeiro como tu, e o seu filho não é nem mais nem menos do que Liza, sob todos os respeito!... Que é que tens que dizer contra o rapaz?

— Nada, senão que tenho certas ambições a respeito de Liza. Queria que tu falasses a Liza, que lhe disseses que não tivesse pressa... Ella neste momento anda com Dan pelo parque, e eu precisava falar-lhe agora mesmo.

"Soc" elevou-se a toda a altura dos seus seis pés, fitou Sam com um olhar de duvida, e, finalmente respondeu:

— Está bem, Sam: vou dar uma volta pelo parque, a ver se converso com a pequena...

Passando das palavras aos actos, "Soc" poz o seu velho chapéu de feltro, abotoou a sua sobrecasaca e, com Sam a estugar o passo no seu encalço, sahiu do escriptorio, desceu os degrãos pouco firmes que levavam ao andar terreo. Na rua, separaram-se os dois, Sam para voltar ao seu armazem, "Soc" para ir ao parque da aldeia. Ao appproximar-se do logradouro, lançou um olhar em volta de si, e decidindo-se por uma parte do pequeno parque onde lhe pareceu mais provavel que um namorado levasse a dama dos seus sonhos, para lá se dirigiu a passos cadenciados. Poucos minutos depois, avistava duas figuras, nas quaes immediatamente reconheceu Liza e Dan, de pé por detraz de uma sébe. E tão attentamente absorvido estavam os dois um no outro que não ouviram nem viram Socrates que assim teve tempo de sobra para os observar attentamente.

Liza Henshaw era uma linda rapariga de cerca de dezoito annos, que vestia com simplicidade e graça natural, e por todos esses motivos era considerada a belleza de Pointview. Neste momento, baixando os olhos, com uma expressão de embaraço no rosto, escutava o que lhe estava dizendo o seu namorado.

Dan Pettigrew era um bello mocetão dos seus vinte annos, de corpo alto e flexuoso, com um par de olhos pardos honestos á flor de um rosto risinho que lhe ganhava confiança e sympathia em toda a parte. Socrates conhecera o rapaz e a rapariga desde que os dois tinham nascido, e comquanto tivesse apenas 45 annos, considerava-os agora com aquella enternecida meiguice com que um velho avô contemplaria um netinho do seu sangue. Assomando por detraz dos namorados, desapercebidos da sua presença, collocou o braço sobre o hombro de Liza e cerrou calorosamente a mão sobre a de Dan.

— E então, meus filhos, quando vae ser o casorio? — perguntou com um sorriso bondoso.

Liza e Dan olharam, perturbados, um para o outro, mas Dan logo venceu a sua surpresa natural:

— Justamente, quero que Liza case conmigo immediatamente; ella, porém, parece que tem receio e não quer marcar o dia...

— Não quer marcar o dia, hein? — atalhou Socrates. — Pois, meu rapaz, não lhe

dês uma folga! Não lhe consintas descansar até ella marcar o dia e hora, — comprehendes? — aconselhou a rir.

— Está muito bem: pode ficar tranquillo que seguirei o seu conselho! — respondeu Dan, com um clarão de determinação nos olhos.

— Faze isso, rapaz... e não te esque-



Fez quanto ao seu alcance estava.



O aventureiro cortejava Lizzie.



Imminencia de um duello.



Exigiram-lhe um diadema

cas de me convidar para o casamento! — respondeu Socrates, voltando as costas e afastando-se.

Interrompida assim a entrevista, Liza lembrou-se de que estavam à espera della em casa, e depois de dizer adeus a Dan, partiu a correr para a habitação paterna.

Enquanto Socrates se dirigira à procura de Liza no parque, onde fizera precisamente o contrario de que desejava Sam Henshaw, occupava-se este, na loja, em descaixotar uma partida de caldo de galinha em conserva, cujas latas ia arrumando nas prateleiras, umas traz outras. O trabalho, repetido agora por Sam pela millesima vez constituia para o merceiro uma occupação meramente mecanica, que não lhe exigia nenhuma attenção. Por isso, ao mesmo tempo, deixou rumar o espirito para especulações ligadas ao plano que andava matutando em relação a Liza e que consistia, nem mais nem menos, do que em despachal-a para uma escola de aperfeiçoamento.

Como lhe acudisse uma idéa que se prendia ao seu plano, apanhou o prospecto que os directores da escola lhe haviam enviado em resposta ao seu pedido, e com esse folheto numa das mãos, proseguia na arrumação das latas, ora numa, ora noutra prateleira. Mas como houvesse sido effectuado com pouca attenção esse trabalho, succedeu que uma das latas se desequilibrou e as outras desabaram ao chão, precisamente quando Socrates assomava à porta do armazem.

— Estou a ver que entornaste o caldo! Olha lá, não o vás entornar figuradamente agora! — exclamou Socrates, às gargalhadas.

Sam, cujo espirito estava absorto por alguma das maravilhas de que falava o prospecto do collegio, não deu attenção nem às latas esparramadas pelo chão, nem à facecia de Socrates, e voltando-se para os fundos do armazem, gritou alto:

— Oh, velha! Vem cá um minuto! Em resposta ao chamado de Sam, a Sra. Henshaw, uma mulher de meia idade, robusta e de physionomia sympathica, penetrou na loja, vindo de algum mysterioso recesso do armazem. E Sam logo lhe declarou a queima-roupa:

— Sabes, velha? Resolvi mandar Liza para a cidade, para uma escola de aperfeiçoamento!

— Ora qual! Para que vás fazer isso? — inqueriu, com gravidade a Sra. Henshaw.

— E' isto mesmo, velha! Tenho ahi de parte um bocado de dinheiro e quero que a pequena vá adquirir algumas das vantagens de que fala este livrinho, aprender os lindos modos da cidade que aqui não pode ter...

— Está bem, Samuel: será o que tu quizeres. Se achas que é de proveito para Liza ir aperfeiçoar-se na cidade, faze o que entendes, e não se faia mais nisso.

— Sim, creio que é de vantagem fazel-o já — respondeu Sam.

Acabava elle de pronunciar estas palavras quando Liza appareceu á porta. Sam chamou-a então e disse-lhe:

— Liza, resolvi mandar-te para aquella



Lizzie já não era a mesma.



Depois dos estudos...



As recepções em casa de Lizzie.



O conde era um embusteiro.

escola de aperfeiçoamento de que já te falei. Que te parece a idéa?

— Ah, pagae! O senhor é um anjo! — exclamou Liza, correndo para o pae, e lançando-lhe os braços em volta do pescoço.

Sorriu o velho, e acariciando os lindos cabellos da menina, proseguiu:

— Pois é assim mesmo, Liza! Quero que este pessoal cá da aldeia veja que dou a minha filha tudo o que ha de bom!

Quero que, á tua volta, te apresentes a estes tabaréos, feito uma rainha! Vê lá pois se aprendes as maneiras mais bonitas que por lá vires, hein, pequena?

— Podes estar descansado, pagae! Hei de voltar-te, feita uma imperatriz da Russia! — respondeu a menina, a rir.

— E como vae ser com Dan Pettigrew? — indagou Socrates. — Que vae elle dizer quando souber que vás para a cidade, em vez de ficares aqui, para te casares com elle?

Liza pareceu contristada um momento, mas logo se reanimou e respondeu:

— Ah! Somos ambos novos, temos muito tempo deante de nós! Além disso, quanto mais eu aprender, melho esposa poderei ser para Dan, quando me casar com elle!

— Talvez que sim, talvez que não! — retorquiu enigmaticamente o advogado.

— Que queres dizer com isso, Socrates? — perguntou Sam, irritado com o tom em que falara o advogado. — Não achas então que as pessoas se devem educar o mais que puderem?

— Sim, está bem que uma pessoa se eduque, e ás vezes a educação é um grande bem. Mas garanto-te que não tem conta as pessoas a quem a educação desgraçou, e que posso affirmar-te a educação tem prejudicado mais do que estrelas tu poderias contar numa noite clara de verão! — respondeu Socrates.

Como esta asserção não fosse do agrado de Sam nem de sua filha, e como nenhum delles pudesse comprehender a philosophia que encerrava o commentario de Socrates, nada responderam pae e filha; e Socrates, vendo que a sua presença não era ali motivo de grande satisfação para ninguém, deu as costas para tornar ao seu escriptorio.

A noticia da partida de Liza para a cidade, onde devia dar entrada na escola de aperfeiçoamento, originou uma grande sensação, e logo todas as mulheres assentaram que fosse como fosse, não se haviam de deixar supplantar por Liza. Dan Pettigrew, mal teve noticia da resolução do pae de Liza, logo a procurou e fez quanto ao seu alcance estava para que ella cedesse ás suas supplicas.

Quando o mancebo verificou que não lograva induzir Liza a contrariar a resolução paterna, tentou então persuadir seu pae, rival de Sam Henshaw no commercio de mercearia, a que o mandasse a elle tambem, para uma universidade. Mas Bill Pettigrew não tinha, a respeito de seu filho, as mesmas ambições de Sam Henshaw a respeito de Liza, e immediatamente se declarou em desacordo com as idéas de Dan.

— Para que queres tu educar-te, se eu nunca tive educação universitaria e tenho governado regularmente o meu negocio de merceiro, — me parece! Não é a ti que vae caber o armazem algum dia? Ora se

(Termina no fim da revista)



Desfazendo os embustes do falso conde.



Sovado e expulso.



A verdade sobre o divórcio de Alice Brady e James L. Crane



Ha homens que, com pequeno esforço de sua parte, conquistariam fama e fortuna! James L. Crane, por exemplo, a quem bastava, para isso, ter sido apenas um bom marido... Elle, porém, não o comprehendeu assim e, além de arruinar, em consequencia, sua carreira, levou ainda a infelicidade, o soffrimento, a uma pobre senhora absolutamente digna de melhor sorte.

Feito genro de William A. Brady, de quem Alice é a unica filha, teve a sorte de merecer a protecção do conhecido productor, que tudo tentou para satisfazer-lhe as ambições como actor, encarregando-se ainda de desmentir os boatos, que corriam, de haver Alice sido infeliz no casamento.

A cerimonia effectuara-se em Maio de 1919, secretamente, quando Miss Brady, no theatro, representava *Para sempre, depois...*, peça cujos ideaes de amor e felicidade eram exactamente os seus. Conheceu, dahi, James Crane, tendo obtido para elle, que estava então sem contracto, um logar na companhia. Namoraram-se e casaram. O pae de Alice, que viajava na Europa, voltou apressadamente á America, desgostoso com o casamento secreto da filha; mas, pensando melhor, deu-se por conformado e tratou de ajudar o genro a vir á evidencia. Logo que regressaram da viagem de lua mel conseguiu-lhe collocação nos films, tendo chegado a obter para elle o logar de *leadingman*, nos films de Alice, como succedeu n' *A Procella*, que o Rio já appreciou; mas o Sr. Crane achava preferivel, ao trabalho, gastar seu salario em beber.

A elegante Alice, encantadoramente vestida, deixava frequentemente seu automovel á porta dos botequins, para ir pedir ao marido que a acompanhasse para casa, negando-se elle a acceder.

— Vem commigo, Jimmy, se me amas!

E os noctambulos da Broadway, ao verem a falta de attenção d'elle, negando-se, perdido de bebedo, a fazer-lhe a vontade, olhavam com pena essa esposa, tão bonita, tão boa, tão desgraçada! Ella, porém, não desanimava nunca. Voltava, cada vez mais decidida, a procural-o, a tentar convencer-o... Em breve seria mãe e desejaria ter o marido comsigo. A quebra de contracto d'elle, passando para um theatro do suburbio, fez que



DOROTHY
DALTON

Alice rescindisse também o seu, decidida como estava a acompanhar o marido nos altos e baixos da sua vida; mas ali estava-lhe reservada a maior das vergonhas. Uma noite, Jimmy, tomou demasiadamente a sério um papel de bebedor na peça em que representava, e interpretou-o com um realismo já mais visto, que todas as revistas theatraes de Nova York commentaram.

Estivera bebendo toda a tarde e apresentou-se no theatro poucos minutos antes de levantar o panno, quando o director pensava já em restituir a importancia dos bilhetes aos espectadores. Perdia a cada passo o equilibrio. O empresario reflectiu e resolveu afrontar o publico, que, afinal, avaliaria da dignidade profissional do actor, se chegasse a dar conta do estado d'elle, visto o papel ser, na peça, o de um bebedor. Antes de começar o espectáculo veio ao proscenio e falou á platéa:

— Senhoras e senhores! Peço indulgencia, esta noite, para o actor James Crane, cuja dicção não poderá ser das melhores, devido a uma operação, felizmente sem maiores consequências, que elle soffreu na lingua, esta tarde!

Mas, viu-se depois bem, o maior mal de James era nas pernas, e muita gente riu ás gargalhadas nas scenas mais dramaticas da peça. Foi a mais memoravel representação nos annos do pequeno theatro.

William Brady não se conteve mais. Rompeu com elle. Entretanto, a infelicidade de Alice começou a evidenciar as suas consequências. A pobre senhora foi emmagrecendo, e tanto que os productores de films lhe fizeram sentir que a sua figura não correspondia mais ás exigencias da tcla. Ella, porém, continuava com a sua illusão e uma reconciliação, com varios protestos e juras, deu-lhe esperanças. Partiram para a Europa.

O segundo romance de Alice pouco durou também. Uma vez, na Europa, James Crane não deixou seu credito por mãos alheias, e ao regressarem a Nova York ella accitou uma *tournee* pelos Estados com a peça *Para sempre, depois...*, que tão amargas recordações tinha para ella. James ficou em Nova York, esperando um contracto. Haveria ainda oportunidade para a reconciliação, porque Alice, por suas crenças religiosas, era contraria ao divorcio; mas o cynico James continuava na sua vida de dissipação, augmentada agora, pela ausencia da esposa, com a companhia de mulheres. Trocaram-se telegrammas e o processo do divorcio iniciou-se finalmente. Alice esteve gravissimamente enferma, achando-se agora na convalescença, e ha quem

acredite ainda numa reacção de James e numa boa acolhida de Alice; mas o velho Brady não quer nem ao menos ouvir falar no genro.

De sorte que está neste pé o romance de Alice Brady.

Barbara La Marr, que fez o papel de Milady de Winter n'Os tres mosqueteiros (edição norte americana), faz o papel de Antoinette de Mauban n'O Prisioneiro de Zenda, da Metro, film dirigido pelo director de scena Rex Ingram.

O negativo do film *Salomé*, posado pela Nazimova para os Artistas Unidos, em seu transporte de Hollywood para New York foi seguro por 300 mil dollars.

Mercedes, no film *Monte Christo*, que a Fox está fazendo, é interpretado por Estelle Taylor.

A primeira serie que Pearl White posará para a Pathé N. Y., nas condições do seu novo contracto, deve ser estreada a 15 de Julho.



JACQUELINE LOGAN



Fern Andra

AMOR NÃO SE VENDE

"EVERYTHING FOR SALE"



Film da Realart — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Helena MAY Mc AVoy
Donald Scott . . . EDWARD SUTHERLAND
A Sra. Wainwright . . . Kathryn Williams
Lee Morton . . . Richard Tucker
Mr. Wainwright . . . Edwin Stevens
Lillian Lord . . . Betty Schade
Betty Mitchell . . . Dana Ladd
Sarah Calin . . . Jane Keeckley

OPINIÕES DA CRÍTICA

Com um esplêndido elenco, excellente direcção e impecável technica, é pena que o argumento seja algo fraco.

Moving Picture World.

Drama de sociedade, produção regular.

Wid's.

Estrella encantadora em adorável film de sociedade.

Motion Picture News.

Velho thema desenvolvido em feição moderna; interessante.

Exhibitor's Herald.

Helena Wainwright queria sinceramente bem à sua tia, mas não podia deixar de reconhecer que ella era uma pessoa muito ambiciosa. Ao sair do collegio em que se educara, foi na vivenda dessa sua parenta, ao sopé dos lindos montes de Del Robles, que Helena fez sua morada. Aí, demais, outra morada não conhecera já-mais a orphã desde creança, o que explica sufficientemente o extremo carinho com que seu tio e o irmão de sua tia a acolham agora, em seu regresso.

— Esse recolhimento onde estiveste transformou-te por completo! — observou-lhe a tia logo ao dia seguinte à sua volta, examinando-a dos pés à cabeça com olhos frios, apreciadores. —

Sahiste daqui uma garotinha inculta de 15 annos e voltas, aos 18, uma moça feita, com uma educação completa! Fizeste-te linda nestes tres annos, e a tua belleza constituirá para ti um valiosissimo patrimonio quando chegar a hora de seres apresentada à Sociedade!

— Bem me importam a mim essas formalidades da Sociedade, titia! — protestou Helena com um sorriso. — E' uma

proporcionar os luxos e confortos de que gozaste sempre...

— Que idéa! Isso de casamento foi coisa que ainda não me passou pela cabeça, minha tia! — respondeu sorridentemente a moça.

— Tu não pensaste ainda nisso, sei bem, mas pensamos nós por ti, — accentuou a Sra. Wainwright. — Afinal, casar é o destino de todas as raparigas, e tu não constitues excepção à regra geral. Por isso mesmo, teu tio e eu já te preparamos um brilhante partido na California...

— O que? Já me arranjaram marido? — exclamou Helena horrorizada.

— Sem duvida, — affirmou a tia, e trata-se nada menos do que de Lee Morton, o homem mais rico que se conhece na costa do Pacifico, — um rei do ouro senão de muitos milhões, um homem bem nascido, affavel e circumspecto, senhor de todos os predicados que uma moça pôde desejar. Centenas de moças conheço eu que dariam metade da sua vida para o apanharem!

— Pois eu não o quero! — declarou Helena terminantemente. — Aspiro a um pouco de romance em torno do meu noivado, se algum dia tiver de me casar, e nunca será senão com um homem da minha propria escolha!

— Tolices, minha querida! Causas de outros tempos! Hoje, isso tudo está fóra de moda, e é indispensavel acompanhar cada qual as normas do seu tempo! Nada de nos ancorarmos no passado! De resto, espero esta tarde justamente uma visita do Sr. Morton, o que te permitirá fazer uma estimativa d'elle, como teu futuro esposo!

Helena sentiu-se apavorada. Era impossivel que a passassem assim adiante como uma escrava à venda! Fazer do seu casamento um mercado, era inconce-



O tio e a sobrinha

tal maçada isso de fazer *toil'tte* a cada passo, passar a vida numa serie ininterrupta de bailes, de recepções, de theatro e concertos! Do que eu gosto é de uma vida sã e simples e de muito *sport*, muito *sport* athletico, ao ar livre!

Assomou à testa da Sra. Wainwright uma ruga de contrariedade, e a sôla do seu sapatinho poz-se a bater no soalhe um rythmo impaciente:

— Pois, minha cara, é preciso que varras da cabeça essas idéas loucas! — declarou em tom decisivo. — Reflecte que estás hoje uma mulher, e o nosso dever é agir de modo a que te cases com uma pessoa de recursos, em condições de te

bível! Como a maioria das moças, ella preferia esperar o homem que o destino lhe reservava e desistira então a aegria de lhe ganhar o affecto. Expugnava-lhe a idea de se casar com um homem a quem não amava, como meio de lhe vender a sua belleza. Occorreu-lhe porém que talvez a Sra. Wainwright tivesse um objectivo ulterior, e cravando nella um olhar perscrutador perguntou-lhe:

— E por que tal empenho em me casar com esse Dr. Morton?

A Sra. Wainwright, a essa pergunta, corou e remeceu-se nervosamente na sua cadeira. Finalmente, encontrou a resposta:

— E' que em primeiro lugar seria um excellente partido para ti, e alem disso a miuzinha fortuna de Morton garantir-nos-a, a Betty, meu marido, e a man, a tranquillidade e aoustança ate ao fim de nossos dias...

— Mas não somos ricos porventura?

— perguntou Helena, surpresa.

— Não; teu tio perdeu em especulações infelizes toda a sua fortuna, de maneira que estamos actualmente em vespas da ruina e da pobreza. A nossa situação é muito precaria, mas guarra-te bem de que o venham a saber! A menor indiscreção seria a nossa desgraça! Não imaginas o quanto me tenho affligido com isto. Bem sabes como fomos creados na aoustança, como sempre nos fomos com a melhor gente, como sempre fomos attendidos quantos desejos, quantos caprichos tivemos. Perder tudo, ver-me reduzida a miseria, sotirer privações, — seria preferivel morrer!

Sentiu-se perturbada a collegial descuriosa e innocente, a quem semelhante estado de coisas já mais passara pela cabeça, e foi numa grande afflicção moral que ella se recolheu essa noite ao seu aposento.

De tarde appareceu Lee Morton, a fazer a sua visita. Era — Helena teve que reconhecer — um homem sympathico mas intelizmente a fortuna prejudicava-lhe o senso commum, e toda a sua vida obedecia á convicção de que com o dinheiro tudo se compra.

A belleza de Helena, o seu character suave, causaram nelle uma profunda impressão, mal se conheceram os dois, e a moça não deixou de o observar com pezar, pois de modo algum o millionario grangeara a sua admiração.

Ao retirar-se, Morton segredou á Sra. Wainwright:

— Com effeito! Que linda sobrinha que a senhora tem!

— Acho que não a teremos connosco por muito tempo, depois que a apresentarmos á Sociedade, — respondeu astutamente a matrona.

— E' isso mesmo. E eu que não tinha pensado em tal! Confesso que sua sobrinha me fez uma grande impressão. Sra. Wainwright. Seria um magnifico ornamento para a habitação de qualquer homem de fortuna, e eu proprio me daria por feliz se lhe pudesse conquistar a sympathia, antes que outro individuo appareça a assediar-lhe o coração.

— Quanto a mim, pôde contar com a minha amecencia, Sr. Morton, — disse a tia de Helena, com um sorriso animador. — E' uma joia rara e que não estará disponível por muito tempo, garanto-lhe.

— Deslumbra-lhe o meu dinheiro. Ninguém lhe pôde proporcionar joias tão ricas como aquellas com que eu a enfeitarei, se ella for minha, nem montar a sua vida num pé igual ao que os meus recursos me permitem. Afinal, o dinheiro, minha senhora, é a maior força do

Universo! Ninguém resiste ás maravilhas que por elle se podem realizar! Assim, pois, tenho ao meu dispor uma arma invencivel: as raparigas tem, porém, as vezes, certas ideas murtas, de modo que nunca se sabe o que pode acontecer!

— O senhor verificara que o dinheiro não encheria altrações para Helena. Ella não conhece a amocção. O character e o maior ideal da sua vida, e mais facilmente lhe conquistaria a sympathia, pela sua attitudde respeitosa, pelas suas affectuosas atencções ao que com todo o dinheiro do mundo!

— Agradeço-lhe a informação. Corteja-lhe-a ei respectosamente durante algum tempo e verei se lhe conquisto as boas graças pelo meu merito pessoal. Sou um homem pouco acostumado a derrota, minha senhora. E' bem utilil eu não alcaçar aquillo que realmente pretendo. E, uma vez que resolvi casar-me com Helena Wainwright, disso me não impedirá nenhum outro poder senão Helena, se me oppuzer uma cathgorica recusa.

Despediu-se da Sra. Wainwright, entrou no seu poderoso automovel e dirigiu-se a um bairro da cidade cuja edificação com, rebendia, em sua quasi generalidade, bungalows de luxo. Parando a porta de uma linda vivenda, desceu do carro, tirou do bolso uma chave com que abriu a porta, e deu ingresso numa sala artisticamente mobelada, onde uma rapariga se entretinha, tranquillamente, a ler um romance. Levantou-se com um sorriso, mal avistou Morton, e tomando-lhe o rosto entre as mãos beijou-o com fervor e enlevo:

— Que felicidade teres vindo, Lee! — disse alegremente, com um clarão nos olhos profundos e lindos. — Quando tu aqui não estás, sinto-me tão só!

Elle respondeu-lhe com um riso de moia e desviou-a para o lado.

— Sentimentalismo tolo, Lillian! — respondeu. — Sabes? Vim, para te dizer uma coisa: vou me separar de ti.

— Que foi que disseste? — exclamou a joven, recuando horrorizada.

— Não tens por que te admirar: sempre te disse que havia de chegar um dia em que eu me separaria de ti. Pôdes guardar o bungalow com tudo que elle contém. Além disso, estabelecer-te-ei uma renda que te livrará de difficuldades durante o resto dos teus dias...

— Mas, Deus misericordioso, Lee! Eu não quero que tu te separe de mim! — disse num tom de sincera angustia. — O teu dinheiro, os beneficios que delle me venham, pouco me importam! Quero-te a ti, e nada mais senão a ti!

Morton fitou a rapariga, e comprehendeu então pela primeira vez que não era o seu dinheiro que a seduzia, que ella vivia com elle porque o amava realmente. Entretanto, em vista da sua intenção de desposar Helena, reconheceu de seu imperioso dever por termo ao seu actual modo de viver, antes de a pedir por esposa.

— Sinto muito, — disse com difficuldade, — Mas... mas sou obrigado a renunciar a ti. A nossa ligação não pôde proseguir...

— Deve haver um motivo poderoso a determinar semelhante resolução, — observou Lillian.

— Nenhum outro senão o desejo de adoptar um comportamento diverso, — disse despreoccupadamente.

— Compreendo, — accrescentou dolorosamente Lillian. — Queres casar-te com outra...

— Façamos um accordo satisfatorio... — Não, — atalhou a moça, offegante. — Tu me fizeste viver na illusão da mi-

nha felicidade, e agora o choque é... é em extremo doloroso! Não quero esta casa, nem nada que te pertença! Não me julgues má; vê-me antes como uma victima do amor infinito que me inspiraste. Não me sujeitaria entretanto á humilhação de te ver com outra, e por isso me retiro, e nunca mais te incomodarei!

Sahiu em acto continuo e não demorou muito que Morton ouvisse a porta dos fundos bater com estrepito. Assaltou-o então o temor de que essa mulher representasse para elle mais do que um ephemero capricho. Cobriu-se-lhe a fronte de um suor frio, e de repente atravessou a casa, percorreu o jardim, a chamar por ella. Mas Lillian tinha desaparecido definitivamente.



Catechizando-a para a riqueza.



Na ilha.



Mostrando o estado da sua fortuna



A entrevista dos ex-namorados

te, e Morton, acabrunhado, retirou-se para o seu aposento do *Country Club*.

Nas duas semanas seguintes, Morton frequentemente visitou a residência dos Wainwright, e dispensou a Helena as mais assíduas atenções. A moça nem o animava, nem o desiludia na sua corte. Mas, por desgraça sua, sob a fôrma de Donald Scott appareceu então a Helena um namorado de infancia. Era um rapaz retrahido, que andava procurando fazer nome como architecto. Para elle, vencer traduziu-se na mera possibilidade de pedir a Helena que o accedesse por esposo.

As faces de Helena afoguearam-se de prazer, e toda ella sentiu em seus nervos um delicioso abalo, quando, dias depois,



As ricas toilettes.



Os dois moços amavam-se extremosamente.



Tio e sobrinha.



Entre o amor e o dever.

sentada num velho tronco, discreteavam os dois ao luar que brincava nas aguas da bahia, recortada numa pittoresca enseada, á beira da vivenda.

— Precisas fazer caminho, e casar so representaria um embaraço para tua vida Donald, — dizia-lhe Helena com meiguice.

— Pouco importa que me faltem recursos, Helena! — exclamou elle com impeto. Dize que me queres bem, e isso será para mim um incentivo irresistível para fazer carreira e conquistar uma situação!

Donald passou-lhe a mão em volta da cintura. Os dois fitaram-se sonhadoramente durante um momento de enlevo. Depois, instinctivamente, aproximaram-se um do outro, e os labios do mancebo se uniram aos della num beijo palpitante.

— Helena! — Era a voz pesada da Sra. Wainwright que se ouvia á distancia.

— Minha tia! — disse a moça, pezarosa, levantando-se de prompto.

— Odeia-me cordialmente, essa senhora, — disse Donald a rit. — E' natural. Sou pobre demais e ella despreza a pobreza. Não é tua tia que instiga as atenções que Morton te dispensa?

— E', sim; mas que adianta se eu não gosto de Morton?

Separou-se apressadamente de Donald e correu para casa, onde foi encontrar sua tia, que ia e vinha, agitada, de um para outro lado da varanda.

— Estiveste de novo com Donald Scott? — disse a Sra. Wainwright. — Não negues, que eu bem vi! Mas é preciso acabar com isto. Donald, Helena, é o passado! Tudo mudou desde esse teu tempo de creança, e seria inconcebível que tu ligasses a um pobretão o teu futuro!

— Minha tia! — Havia como que uma irritada censura na voz da donzella.

— Donald não tem com que se manter a si mesmo, quanto mais com que manter uma esposa, e tu bem sabes em que situação terrível se acham as finanças de teu tio!

— Pois bem: seremos uns pobretões como Donald, e um pobretão a mais na familia não nos fará mais pobres nem mais ricos! — respondeu com evidente sarcasmo.

— Cala o teu despeito, Helena! Bem sabes que apenas falo para o teu bem: O Sr. Morton quer-te muito e o seu maior desejo é dar-te o seu nome. Já m'o disse elle propri. O unico obstáculo é justamente esse Scott!

— Mas o tio Warren gosta de Donald!

— insisti de novo.

— E' bastante tolo para isso, com effeito. Ouve o meu conselho; esquece-te desse rapaz e aceita as propostas de Morton. Queres p-ventura que acabemos todos em algum asylo de mendigos? Pois não te disse já que a nossa situação é desesperada? A nossa sorte está em tuas mãos! Pelo amor de Deus, não faças alguma tolice de que te venhas a arrepender por todo o resto de teus dias!

Helena debatia-se numa grande afflicção. As lamentações de sua tia encontravam porém um eco sympathico em seu coração, e ella beijou com meiguice a Sra. Wainwright, em cujas pallidas faces corriam lagrimas sinceras.

— Está bem, titia, está bem! — disse a consolada. — A senhora colloca-me numa tremenda situação porque amo Donald e não teho pelo Sr. Morton um affecto que justifique o meu casamento com elle. Mas alguma coisa se ha de fazer, e a senhora não perderá a sua posição social nem será arrastada á pobreza, se eu o puder impedir!

Essas palavras cahiram no coração da tia como um balsamo alliviador.

— Deus te abençoe! Eu bem sabia que

tu, por um méro capricho, não abandonarias aquelles que te estimam tanto!

No dia seguinte Morton appareceu a fazer a sua visita; mas Helena estava a passear pela floresta com Louise, graças ao tio, que sempre fora amigo de Scott e lhe proporcionava quantas occasiões podia para se encontrar com Helena.

— Estimo bem que minha sobrinha esteja ausente neste momento, — disse a Sra. Wainwright ao nathionario. — Eu queria ter uma conversa consigo em particular, e eis uma opportunidade favorável.

— Uma conversa sobre sua sobrinha? — indagou Morton.

— Sim, sobre ella mesmo. — Zelosa dos seus interesses, tenho procurado evitar o mais possível os seus encontros com Donald Scott, e ja consegui virtualmente que ella accedesse em acotter as suas propostas.

— E' muita bondade sua auxiliar-me, — disse Morton. — Felizmente, quanto mais obstaculos me apparecem, mais se fortalece o meu proposito de obter Helena por esposa!

— O senhor tem uma coragem, uma firmeza de vontade, verdadeiramente admiráveis, — disse a senhora, animadoramente. — Quer-me porem parecer que Scott representa a maior de todas as difficuldades. Se o senhor se pudesse ver livre delle, teria com certeza muito mais facilidade em obter a annuência de Helena aos seus propositos.

— Já pensei nisso, e encontrei a solução, — declarou Morton. — Ha algum tempo concebi a idea de erigir um grupo de *bungalows*-modelos na minha propriedade de El Territo. Entre os candidatos á construcção, figurou Donald Scott. Pois bem: dar-lhe-ei a concessão que elle pretende, e assim o afastarei daqui. Uma vez que se afaste, Helena subtrahir-se-á á sua influencia, e á volta do rapaz, já a terei desposado.

— Bello, bello! — exclamou a Sra. Wainwright, transportada de alegria.

No dia seguinte Donald cahiu na armadilha, e logo Morton o fez partir sem lhe dar tempo de se despedir de Helena, ao que o rapaz se resignou, reflectindo que de El Territo lhe poderia escrever. Agradeceu muito a Morton a sua apparente generosidade e a opportunidade que se lhe deparava de abordar um trabalho de follego, pela primeira vez. Escreveu mais tarde a Helena, para lhe contar a boa sorte que tivera; mas a Sra. Wainwright interceptou a carta e destruiu-a. Deste modo se produziu um arrefecimento nas relações entre os dois jovens.

Helena melindrou-se pelo facto de Donald ter partido numa longa viagem, sem se despedir della, e Scott sentiu-se ferido em seu amor proprio quando não teve resposta ás suas cartas.

Certo dia em que a Sra. Wainwright encontrou Helena a chorar pela indifferença de Donald, beijou-a com meiguice e disse-lhe:

— Só lamento que algum dia tu lhe desesses attenção! Elle não é digno de ti! Para mim foi influencia de alguma outra moça!... Agora, se porventura tens uma particula de brio, pol-o-ás á margem definitivamente!

— Não comprehendo este procedimento d'elle, soluçou tristemente Helena; — mas o certo é que os factos o condemnam, e eu não estou disposta a deixar que outra moça ria de mim!

— E porque não tiras a tua desforra, apiedando-te de Morton? Esse, sim, amate deveras! Po's és tão cega que não percebes a sua bondade, a sua dedicação por ti!

(*Termina no fim da revista*)

MARIDO QUE DECONFIA

Film da Realart — Produção de 1931

DISTRIBUIÇÃO

Florence Maddis	ALICE BRABY
Rors Van Beckman	VERNON STEEL
Ned Ormsby	Charles Gerard
Mrs. Van Beckman	Emily Fitz Roy
Fola	Edith Stockton
Margaret Van Beckman	Constance Berry
Fenstein	Ben Probst

OPINIÕES DA CRÍTICA

Historia original de uma corista.

Wid's.

Tem os necessários ingredientes para dar um film razoável.

Moving Picture World.

Trabalho razoável. Deve entreter e interessar, mas não provocar demasiados comentários.

Exhibitor's Herald.

Film médio.

Motion Picture News.

O Winter Palace podia bem gabar-se de que nenhum outro theatro apresentava um conjunto de bellezas e graças femininas comparável àquelle que, em seu palco, todas as noites, brindava ao publico os seus encantos. Nem é preciso dizer que o Winter Palace estava localizado em Broadway, ou melhor a um passo de Broadway, numa das suas opulentas ruas lateraes, bem no ardente coração de Nova York.

Eram bellezas de todos os tons e semitons, que, pomposamente trajadas, opulentamente enquadraadas nas molduras feéricas creadas pelos modernos tempos, dali alimentavam, todas as noites, a sequiosa visão dos assistentes. As poltronas da plateia, occupavam-n'as, em cada espectáculo, cavalheiros que ali iam contemplar as suas predilectas, na antecipação de uma ceia após o espectáculo, em delicioso *tête à tête*, e as galerias enchiam-se de rapazolas que mal tinham tempo de suffocar os seus suspiros e desejos, e se mordiam de inveja dos plutocratas que se pavoneavam em baixo.

Numa noite de sabbado, occupava um dos camarotes Rors Van Beckman, calmo e indifferente na apparencia, como cabia ao joven rebento de uma familia Knickerbocker, de legitimo sangue azul. A verdade porém é que o pulso desse mancebo accusava uma agitação febril e que a essa manifestação se juntou, momentos depois, uma pequena oppressão da garganta, quando Florence Maddis, uma das mais festejadas *girls* daquelle estofoante corpo de côros, esboçou um *pas à deux* com um dos actores da troupe. A pequena estava effectivamente tentadora com aquelle escasso vestuario, que consistia principalmente de contos coloridas, com aquelle turbante de pennas ondulantes que lhe esvoaçavam em torno do rosto. Num dos numeros de dança executou os seus passos de costas para o seu *partenaire*, olhando-o por cima do hombro com um sorriso provocador. E Rors Van Beckman ruborizou-se, remexeu-se, contrariado e nervoso, na sua cadeira. Aquelle sorriso era apenas uma rubrica da peça; mas, fosse como

fosse, Van Beckman sentia-se mal quando arao um sorriso de Florence, mesmo por dever profissional, cabia a outro mortal, que não elle.

— Graças a Deus que é a ultima vez! disse de si para si.

Precisamente, então, Florence esboçou um sorriso para o seu camarote, e Rors respirou com força, sentiu-se repassado de um estranho delírio. Passada essa noite, ella seria sua, finalmente sua, só sua! E, no jubilo egoista de um joven marido apaixonado, o mancebo aguardava que acabasse o espectáculo para levá-la, partir com ella, na viagem da sua lua de mel.

Sincero e bello como era o amor de Florence e Rors, não deixaram entretanto de surgir tropeços e embaraços no seu romantico caminho. A familia de Van Beckman, mal o soube em viagem de nupcias, logo assentou que seria posto termo ao idyllio do rapaz. Que absurdo! Um Van Beckman casar-se com uma corista de theatro!

O casal voltou pouco depois a Nova York e installou-se num aposento elegante, onde tão pouco conheceu desmaio a sua fagueira lua de mel. Rors previra aquella attitudo reservada da familia, e havia-se preparado para enfrentá-la. Os esforços dos parentes de Rors para humilharem Florence, quando, a convite, ella se apresentou na residencia dos Van Beckman, fracassaram por completo. Com grande gaudio de Rors, a nova adherente da familia não se deixou perder terreno e sahio da prova, alcançando victoriosas as suas côres.

— Naturalmente esperavam ver-me metter a faca na bocca! — dizia Florence a rir, quando os dois voltaram a casa. — Suppunham talvez que eu não saberia distinguir um garfo de ostras de um garfo commum, e surprehenderam-se por certo quando me ouviram falar com boa grammatica e descobrirem que eu possuia umas tintas de illustração geral. Sabes, Rors? Creio que causei á tua familia um grande desapontamento...

Rors riu-se com toda a espontanea alegria da sua mocidade. Sentia-se orgulhoso de ver como Florence tinha destruido as idéas preconcebidas de sua mãe sobre a vulgaridade da nora.

Depois disso, os Van Beckman deixaram-n'os em paz. Rors tinha alcançado collocação junto de uma firma de corretores, resolvido a trabalhar, uma vez que não era muito o que herdara de sua tia, e que de seu pae nada queria aceitar. Além disso, não desejava viver tão somente no doce enleio dos encantos de sua esposa: queria tambem dedicar-se por ella, trabalhar por ella com afinco. E Florence ainda mais o adorou por esses sentimentos de virilidade e independência.

Rors era, ademais, um typo de homem que qualquer rapariga adoraria. Era alto e esbelto, com um rosto poetico, de feições bem traçadas. Muito affavel no trato, affectuoso e fidalgo, difficilmente se deixava arrastar á menor irritação. O seu genio entoava com a vivacidade de Florence como o mar com o céu, e por isso eram felizes, inexcitavelmente felizes.

Tinham-se passado alguns mezes quando, certa manhã, a Sra. Van Beckman telephonou a Rors que tinha um assumpto importante a conversar com elle. Deus pressa Rors em attender ao chamado e, encerrando o seu trabalho um pouco mais cedo, accorreu á residencia dos Beckman.

— Meu caro filho, tenha a certeza de que estás na ignorancia do que se passa, — disse-lhe sua mãe. — Trata-se de um facto que nos afflige por ti e um pouco tambem por nós mesmos, pois de certo nos

OUT OF THE CHORUS

não seria agradável ver o nosso nome envolvido num escandalo.



Ned Ormsby e Florence.



Conselhos paternaes.



O ultimo espectáculo.



Uma mulher que elle abandonara.

— Mas de que se trata, mamãe? Pode falar... — atalhou Rors, impaciente com aquelle preambulo.

— E' a proposito de tua esposa, que agora é vista, frequentemente, em companhia de Ned Ormsby.

— Oh! Isso não tem importancia! — respondeu Rors tranquillamente. — Ormsby é meu amigo, e conhece Florence desde ainda antes do nosso casamento. E' dos habitos della ir ás vezes almoçar em companhia de certos senhores das suas relações, o que aos seus olhos nada significa. Porque ha de haver mal em ella fazer

isso, quando duzas de senhoras da nossa roda, que tu poderia citar, fazem outro tanto?!

— Sabes bem que tudo quanto faz uma mulher de theatro dá sempre muito mais na vista, — disse a Sra. Beckman com certa rispidez. — E, como sobre isto já muito se tem boquejado, achei que era tempo de tu saberes.

— Agradeço muito os teus cuidados, mamãe! — respondeu Rors com um sorriso ironico e tranquillo. — Mas áquelles que te falarem nisso poderás dizer que Florence merece toda a confiança, que é uma pessoa de principios sãos, e muito capaz de tomar conta de si.

— Essa tua confiança honra-te muito, meu filho, — disse a Sra. Beckman, ao despedir-se.

As suas settas haviam porém ferido o alvo, ella bem o sabia, Rors procurou não pensar no que ella lhe tinha dito. Suppondo mesmo que Florence, de vez em quando, sahisse com Ormsby, que mal havia nisso? Quantas vezes não lhe contara, ella propria, que o tinha encontrado de surpresa e que havia accedido o convite delle para o almoço. Tudo se passava á clara luz meridiana, e não havia, portanto, por que suspeitar Florence, sequer do mais ligeiro flirt.

Entretanto, aquelle pensamento não deixava de affligil-o. De vez em quando interrogava Florence sobre os seus passatempos e perguntava-lhe, com apparente casualidade, se havia visto Ormsby. Observou, com o correr do tempo, que a menção desse nome a perturbava. E, desde então, a suspeição, a reserva começaram a envenenar aquelle ambiente de perfeito amor.

A Sra. Van Beckman repetiu mais tarde o seu protesto:

— O facto começa a dar na vista, Rors. Até parece que a unica pessoa que não enxerga o flirt de Florence com Ormsby és tu!

E Rors separou-se de sua mãe, levando assentado um plano a que serviam de alicerces as suas suspeitas e os seus ciúmes.

Parto a negocio por alguns dias, — disse a Florence.

— E eu não posso ir contigo? — interrogou a moça, com um trejeito pezaroso dos labios, passando os dedos brancos de jaspe por entre os cabellos de Rors.

— Desta vez, não.

Sentiu-se, por um momento, envergonhado do seu plano; mas era preciso convencer-se, saber, de uma vez por todas, a verdade.

Ned Ormsby chamou-a essa tarde ao telephone.

— Disseram-me que Rors está fóra. Quer vir comigo ao baile desta noite, no Ritz?

— Não, muito agradecida. Prefiro não ir, — respondeu Florence.

— Mas eu prefiro que a senhora venha, — retorquiu num tom metallico de voz. — Irei buscá-la dentro de uma hora. Esteja prompta, sim? Tenho um assumpto importante a conversar consigo.

— Pois sim, — respondeu Florence, com relutancia.

Pendurou o phone com um gesto de quem se resignara ao irremediavel. E sentiu-se de repente fatigada, incapaz de ir mais longe nessa comedia que andava a representar com Rors.

— E se eu lhe dissesse tudo? — disse para si mesma. — Não fosse o procedimento que sua familia tem tido para comigo, e eu já tudo teria revelado. Agora é tarde, e esse perverso de Ormsby está positivamente me arrastando á loucura, com as suas ameaças.

Suffocou um suspiro e começou a vestir-se.

Florence sentia que era inutil rechaçar Ned Ormsby, e continuava a seguir, aos

tropeços, uma trilha que ella não sabia onde ia dar. Mas qual seria o objectivo de Ormsby, afinal de contas? Era um homem máo, e nisso se resumia tudo, provavelmente.

Ned Ormsby não apresentava entretanto os caracteristicos externos de um perverso. Era um mundano bem escovado, bem enroupado, e os seus modos, a sua moral eram os mesmos de todos os homens do seu typo. Idade, uns trinta annos. Alto, de estatura forte, illuminavamlhe o rosto, que proclamava os prazeres da mesa, dois olhos pardos, puxando ao amarello, que tanto sabiam ser inexpressivos, não brilhar, taes os de um gato furioso.

Florence odiava-o e eis a razão porque.

No anno anterior, Ormsby lançara sobre a festejada chorus-girl os seus olhos de lascivia. Uma noite elle persuadiu-a e a outra de suas amigas a que o acompanhasssem á sua residencia de Long Island. As raparigas viram nisso, a principio, um simples divertimento; mas, quando após uma pequena ceia, pediram para voltar á cidade e Ormsby se poz a rir, Florence começou a ter medo.

— Tenho que voltar, — insistiu. — Meu pae ficaria afflictissimo se eu me demorasse mais, e eu não devia, na verdade, ter vindo sem lhe dizer.

— Ora, qual! A senhora tem idade sufficiente para fazer o que bem quizer, me parece! — disse Ormsby. — Para que preoccupar-se das afflicções paternas?!

Florence evocou a figura daquelle homem de meia idade, precocemente velho, cuja vida fóra toda uma serie de infortúnios, mas que pelejara por lhe dar na vida vantagens com que elle mal podia arcar. Era guarda-livros, mas vinha soffrendo dos olhos desde ha annos, de maneira que de tempos a tempos, tinha que parar de trabalhar. A vida tinha sido dura para os dois até á época em que Florence entrara para o theatro. Moça como era, ella comprehendia todo o desinteresse do pae, todo o seu desejo de que aos attractivos da sua belleza ella alliasse os da sua educação. Elle amava-a como o que de melhor possuia na terra, e só um temor ultrapasava em seu coração os da separação fatal de algum dia: era o receio de qualquer agravo que pudesse soffrer a sua reputação. Todas as noites elle esperava por ella, á porta do palco, e nada o fazia mais feliz e orgulhoso do que vel-a sempre prompta a partir na sua companhia, indiferente aos grupos que, daquelle mesmo logar, todas as noites, carros e automoveis levavam para as notadas de prazer.

— Essas raparigas, o que fazem é estragar a sua saúde e a sua belleza! — costumava elle dizer-lhe. — Era bem melhor que fossem para casa e se mettessem na cama! Como é que hão de descansar? Ainda bem que Deus me deu uma filha sensata, obediente aos conselhos de seu pae!

Nessa noite, o pae de Florence, ao chegar um tanto atarazado, recebeu um recado que a filha deixara ao porteiro. E contrangeu-se-lhe o coração. Era um signal evidente de que Florence se estava afastando d'elle!

— Não gosto nada desse tal de Ormsby — commentou o porteiro. — E' um marão que não faz senão dar em cima das raparigas! E tão depressa se cansa de uma, é logo outra! Infelizmente, é um sujeito de dinheiro, com um sumptuoso palacetes em Long Island, onde elle recolhe a caça cada vez que a apanha...

— E sabes onde é a casa d'elle, em Long Island? — perguntou o Sr. Madrilis.

O porteiro deu-lhe a informação e accrescentou:

— Eu, se fosse o senhor, dava um conselho á sua menina. Ella tem andado d-

(Continua no fim da revista)



Deveria dizer tudo ao marido?



Atirando contra a porta.



Depois do crime.



A emboscada.

UMA ACRIZ RUSSA

"FOOLIGHT"

Film da Paramount—Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO :

Lizzie Parsons ELSIE FERGUSON.
Lisa Parsinova Mae Mae Dermott.
Oswaldo Kane Reginald Denny.
Brett Page Octavia Handworth.
Etta Ell

OPINIÃO DA CRITICA

A melhor qualidade desse film é a oportunidade offerecida a Elsie Ferguson para nos dar uma grande prova de sua versatilidade e talento artistico.

Moving Picture World

Um bem acabado film dramatico que agrada extraordinariamente.

Exhibitor's Herald

Ha todos os motivos para esperar que esse film se torne grandemente popular.

Exhibitor's Trade Review

Interessante e bem feito vehiculo para a exhibição dos talentos de uma estrella.

Motion Picture News

Satisfará plenamente pelo trabalho da artista.

Wid's

No grande theatro que o famoso Oswaldo Kane, o audacioso emprezario, a cujas descobertas no mundo artistico já estava habituado o publico newyorkino, explorava, havia naquella noite uma enchente á cunha. A multidão premia-se á porta, em longa cauda junto á bilheteria.

E' que uma "reclame" intelligentissima, feita pelos principaes jornaes da grande metropole, aguçava a curiosidade publica desde muito. Esperava-se a estrêa de uma grande artista russa — Lisa Parsinova — sobre cujas qualidades theatraes corriam lendas, como sobre a sua vida particular lendas corriam.

Diziam-n'a as noticias publicadas a respeito uma rapariga formosissima, mas com uma ponta de extravagancia, como convem all'a a todas as grandes figuras desse meio theatral onde um pouco de cabotinismo não faz mal a ninguém.



Arremessou contra o espelho...

Contavam-se varias historias de sua vida ; como inspirara paixões "reaes", dizendo-se mesmo que um formoso principe, herdeiro de uma das grandes corôas europeas, quizera á fina força abrir mão dos seus direitos para desposar-a, provo-



Na noite da estrêa.

cando essa aventura um tremendo escandalo, que quasi fizera perigar as instituições seculares de um velho reino ; dizia-se mais que se banhava habitualmente em "champagne" e assim por diante. Era por isso que todos os "habitués" das "premières"—o "set" de New York—tiveram como ponto de honra assistir á estrêa da famosa estrella que ninguém conhecia ainda. A sala estava cheia e pelos corredores accumulavam-se espectadores ainda, que não haviam podido obter logares.

Quando, após o preludio, o velario foi aos poucos se descerrando sobre o scenario do primeiro acto, o silencio fez-se completo.

Começou a representação da peça, que fora annunciada em todos os jornaes, em todas as paredes, por meio de cartazes berrantes, por meio de annuncios luminosos, por todos os meios que o espirito inventivo e algo "bluffista" do americano engendrou para chamar a attenção do publico :

OSWALDO KANE

apresenta

LISA PARSINOVA

em

"A TENTADORA"

Emquanto a platêa vibrava de curiosidade a grande tragica, a extraordinaria actriz, recolhida ao seu camarim, tremia irresoluta e apavorada. O emprezario appareceu. A Parsinova olhou-o com mostras de pavor.

— Que é isso ? Tem medo ?

— Estou muito nervosa. Desculpe-me. Prefiro estar só.

Oswaldo Kane envolveu-a em um olhar caricioso.

— Não tenha receio. O publico aguarda-a com a maior sympathia. Verá como vae con-

quistal-o de golpe. Deixo-a para acalmar esses nervos. Ah ! As russas !

E sahin, sorrindo com malicia. Lisa, sentindo-se só, caminhou com passos vacillantes, encostando-se aos moveis do seu luxuoso camarim. Ajoelhou-se sobre uma almofada e juntou as mãos em fervorosa oração.

— Meu Deus ! Fizei com que eu triumpho !

Mergulhou a mão no decote do seu sombrio vestido de velludo enfeitado de rubras rosas. Tirou desse recatado asylo um papel amarranhado e leu as seguintes palavras escriptas em legitimo inglez :

"Lembra-te sempre do conselho de tua avó ; Não desanimes deante das difficuldades. Em vez de fugir, trata de agir."

E diante dos seus olhos desenrolaram-se todas as peripecias de sua vida, desde a infancia, evocadas pelo bilhete. Era a sua vida em New England, quando simples matutinha, vivendo ao lado da meiga avózinha, sempre prompta a desculpar todas as travessuras de sua Lizzie e as rabugices da tia Abigail ; os seus sonhos de rapariga, de ir para New York e abraçar a carreira theatral, partindo aos 18 annos para a grande metropole. A sua estrêa em um theatrinho suburbano de variedades, em que um publico rude só achava applausos para as habilidades dos macacos e cachorros sabios, desprezando os numeroes em que palpitava qualquer emoção artistica ; aquella noite em que recebera a carta da tia Abigail, portadora da triste noticia da morte de sua boa avózinha, mal tendo tempo de enxugar suas lagrimas para apparecer no palco ; depois, no fim, a appareção de Oswaldo Kane a sua extranha proposta, o contracto que assignara com o famoso emprezario, em virtude do qual se transformara de Lizzie Parsons em Lisa Parsinova ; o seu longo aprendizado de dois annos, ora com gentes russas, que lhe haviam introduzido habitos de comer harenques defumados e chá... chá... mais chá... ou revestiam-n'a de trages exóticos, ensinando-a a pronunciar a sua lingua materna com um



No theatrinho de variedades.

ligeiro accento estrangeirado. E as noticias dos jornaes a seu respeito, as fantasias dos "reporters", a curiosidade dos leitores, toda a campanha de publicidade em torno do seu nome.

De tudo isso só lhe ficara bem vivo no espirito o conselho de sua avozinha, tão terna, tão meiga: E' preciso agir, Lizzie! Não desanimes!

Levantou-se forte, resoluta. Era chegada a hora da luta, a hora decisiva na sua vida. Ella queria triumphar! Triumpharia!

Foi de facto estupendo o triumpho de Lisa Parsinova. Quando jogou a grande scena dramatica do terceiro acto, a expressão lancinante de sua voz dirigindo-se ao ingrato que a abandonava e repellia, rojando-se-lhe aos pés na tirada:

— O meu maior erro foi amar-te mais do que a mim mesma!

foi coroada por uma extraordinaria ovacão. Toda a platéa vibrava emocionada. As chamadas á scena repetiam-se umas após outras. Os espectadores, positivamente conquistados por aquelle perfeito jogo de scena, por aquella voz quente, apaixonada, que um ligeiro sotaque tornava ainda mais encantadora, pela extraordinaria belleza da nova diva, não continham, não podiam conter o seu entusiasmo. Oswaldo Kane, o descobridor da famosa estrella, partilhou tambem das honras,



No theatrinho de variedades.

do Kane lhe apresentou Brett Page, uma das grandes fortunas de New York, rapaz bem apessoado, que logo conquistou as suas sympathias.

O moço não lhe escondeu a sua inclinação, evidenciada nos olhares ternos com que a fitava.

E a artista não pde deixar de confessar que Brett Page, de todos os rapazes que a cercavam de homenagens, era o que maiores attractivos apresentava.

E dahi... Uma manhã recebeu ella o seguinte bilhete, dentro de perfumado ramo de rosas rubras, como as que adornavam o seu vestuario na peça que representava: "Consegui finalmente saber onde mora. Quer ir, depois da "matinée", dar um passeio de automovel pelo campo? Lembre-se de que é hoje o primeiro dia da Primavera. — Seu Brett Page."

Foi nesse dia e nesse passeio que começou a intimidade da moça artista e do joven millionario. Este já não podia occultar a apaixonada admiração que sentia por Lisa. E tão a mende se mostravam os dous juntos que o facto não pde escapar á insólita curiosidade dos "reporters". Uma manhã Oswaldo Kane foi visitar Lisa e mostrou-lhe um "potin" publicado em vespertino sensacional. "Certo joven de nossa melhor sociedade", dizia o articulado, "rico

e solteiro, parece andar ultimamente muito interessado em tudo quanto diz respeito á arte russa, empregando todos os meios para ser... o vencedor."

— Será verdade? perguntou o empresário.

A moça olhou para elle fixamente. Estava pallido e inquieto. Seu olhar era imperioso, entretanto. Elle teve um movimento de revolta.

— E se for verdade? Parece que tenho o direito de fazer o que bem entendo.

Oswaldo Kane empallideceu mais; depois um sorriso amargo contrahiu-lhe os labios:

— Permitta-me dizer-lhe uma cousa: se alguém souber que é Lizzie Parsons e não Lisa Parsinova, sabe que perderemos a fama que tão difficilmente, á custa de que sacrificios, bem sabe, conquistou? E sabe que isso seria um golpe terrivel para nós ambos?

Lizzie baixou a cabeça, pensativa. — E depois acredite-me, Lizzie Parsons, a provincianazinha ingenna de New England não conseguirá nunca se casar com um homem que só adora... Lisa Parsinova! Pois não vê que a essa gente toda que a cerca e homenageia o que fascina é o "abor do exotico", é o ouropele, a luz da ribalta, a aurcola de arte que a cerca? Evite amargas desillusões, Lizzie... Brett Page é como os demais. Gosta de se fazer ver ao lado da ce-



Elsie Ferguson.

do triumpho, sendo chamado ao palco e longamente applaudido.

Lisa ganhara a partida, conquistando uma das platéas mais exigentes do mundo.

+

Lisa Parsinova, a nova estrella que surgira no firmamento theatral, tornara-se a coqueluche de New York. "A Tentadora" dava recita após recita e todas as noites o espectáculo terminava com estrondosas ovacões á bella artista.

As receitas da bilheteria eram magnificas.

O camarim de Lisa vivia sempre cheio de flores que lhe mandavam ás centenas os seus admiradores. Em todos os intervallos succediam-se os visitantes, cada qual querendo exprimir á diva os seus sentimentos. Um halo de esplendor cercava-a. Lisa Parsinova tinha para esses fanaticos todos os direitos. Mesmo as suas excentricidades eram admiradas, louvadas, imitadas... O seu macaco favorito, feio mono a que Lisa custara a se habituar, só se rendendo por saber que as actrizes russas gostam muito de macacos, era amimado, festejado, vivia entre "bonbons" e outras gulodices. Foi em um desses intervallos que Oswal-



Lembra-te de que nada nos pode já separar.



A actriz russa.

do lebre artista russa Lisa Parsinova. Teria o mesmo prazer ao lado da insignificante Lizzie Parsons? Essa vida de theatro tem sempre duas faces. Busque ver sempre o seu lado deslumbrante, evitando a face escura, que só traz desgostos.

Depois desses conselhos Oswaldo Kane retirou-se, deixando Lisa immersa em profunda meditação. Seria possível? Brett amaria nella sómente o brilho facticio de sua existencia? Amaria a artista? Amaria a mulher? Dolorosa interrogativa! Lizzie resolveu certificar-se. Sentou-se á secretaria e da gaveta tirou um album, onde guardava as photographias de familia. Olhou para o seu retrato de menina e comparou-o com a formosa photographia artistica que a apresentava em trages de theatro. Guardou o album quando entrava a creada com o chá, fazendo-o porém com certa precipitação, que não escapou aos olhos argutos da rapariga.

Escreveu a Brett Page "Não tenho coragem de lhe negar o que me pede. Venha jantar commigo, mas olhe que é só uma vez. Será esta a primeira... e a ultima. Lisa Parsinova."

(Termina no fim da revista)



Em cima: *Typos das comedias Sunshine.*

Em baixo: *Doreen Turner e Coy Watson Jr. na comedia "Stolen Glory".*



MAE MURRAY completou o seu segundo film para a Metro, *Fascination*. Creighton Hale, Courtenay Foote, Vicente Coleman e Francisca Puglia figuram nessa produção.

Foolish Wives, da Universal, o discutidissimo film de Von Stroheim, depois de passar durante sete semanas no Central Theatre de New York, passou-se para o Capitol, onde continua a atrahir grande concorrência.

Em *Reckless Youth*, da Selznick, apparecem Elaine Hammerstein, Niles Welch, Myrtle Stedman, Huntley Gordon e Frank Currier.

A campanha nos Estados Unidos pela instituição de uma censura federal, abolida as dos Estados, que, pela diferença de criterio têm causado sérios prejuizos a varias empresas cinematographicas, tem-se activado ultimamente. Rufus Cole, presidente da Robertson Cole Corp., fez recentemente, no Club Republicano Nacional, uma conferencia sobre o assumpto, comprovando as perdas e dificuldades que essa diversidade de censuras causara à cinematographia, citando casos concretos.

Betty Compson e Tom Moore apparecerão juntos no film da Paramount, dirigido por Penrhyn Stanlaws, *Over the Border*.

Em *Our Leading Citizen*, da Paramount, apparecerão Thomas Meighan, Lois Wilson, William P. Carleton, Theodore Roberts, Laurence Wheat, etc.

EDUCAÇÃO EM DEMASIA

(FILM)

eu pude dirigil-o sem educação em nenhuma universidade, tu has de poder também! Assim pois, muito mais te aproveitará ficares aqui mesmo e aprenderes de cabo a rabo, o negocio, dedicando-te a elle, todos os dias.

— Mas, meu pae, se eu não tiver uma educação universitaria, de certo não me poderei casar com Liza, quando ella voltar!

— protestou Dan.

— Se Liza não te quer como tu és agora, se ella não te quizer como fores á sua volta, então é porque ella não te quer mesmo, e que a engulam portanto, mil diabos! Ella não é melhor do que tu! O pae é um merceeiro como eu; a pequena nasceu aqui, cresceu na aldeia como tu crescestes, e não teve educação melhor que a tua! Se um bocadinho de educação a vae mudar agora de tal modo que ella depois repute que o meu filho não a merece, então serci eu que não consentirei que tu te cases com ella! — disse Bill Pettigrew, irritado.

Vendo a firme resolução de seu pai, Dan não insistiu no assumpto, e retirou-se com um nariz de palmo e meio, numa attitude de mais profundo desconsolo.

Por fim chegou o grande dia em que Liza devia seguir para a escola, e quasi toda a villa se reuniu na estação, a despedir-se della. Dan estava em tal prostração que nem se apercebeu de que chegara o dia em que a sua namorada ia partir, e foi só quando viu toda a gente encaminhar-se naquella direcção que reflectiu que tinha de andar depressa se queria dizer adeus a Liza, na estação. Agarrando, pelo braço, o pae que ficara á porta da loja meditando, a morder uma palha, foi rebocando-o consigo.

Na estação encontrava-se de facto a aldeia inteira, e Liza com um vestido de viagem gracioso, mas de pouco preço, e com a sua maletinha na mão, parecia estar a presidir uma verdadeira corte. De ora em quando, procurava Dan Pettigrew, a pessoa a quem mais desejava ver, mas com grande pasmo seu não o via em parte alguma. Elle só appareceu quando a locomotiva deu entrada na estação e o chefe do trem gritou o classico: "Todos os passageiros, a postos!" Então elle rompeu repentinamente por entre a multidão e apertou-a nos braços. Ella sorriu alegremente, beijou-o com fervor amoroso, e um minuto depois, desapparecia no carro-cão do trem que abalava para o seu destino.

Quando o trem em que viajava Liza se perden na distancia, todos se voltaram para Sam Henshaw que era o heroe do dia a cobril-o de parabens pela linda filha que tinha, pela sua resolução de procurar que fossem desenvolvidos e aperfeiçoados os dotes naturaes da pequena. Bill Pettigrew ouviu os commentarios elogiosos que os seus conterraneos faziam ao seu rival nos seccos e molhados, e a pouco e pouco foi desportando uma idéa no seu espirito. Quando por fim conseguiu atravessar a multidão, chamou Sam e apertando-lhe a mão, disse-lhe:

— Parabéns, Sam! Bella idea que tive-
ste em mandar educar tua filha! Por minha
parte, tambem ja resolvi mandar Dan para
Harvard, logo ao principio do outono!

Dau, que estava perto, mal pôde acreditar no que ouvia, mas absteve-se de prontamente de dizer nada até que estivessem sós, os dois. Falou então ao pai com entusiasmo:

— De certo que é! Pensavas então que eu ia deixar Sam passar-me a perna, fosse no que fosse? Se elle pôde mandar a lambisgoa da pequena para a escola de aperfeiçoamento, tambem eu posso mandar o meu filho para a Universidade! Não achas?

Cheio de contentamento pela perspectiva de ir desfrutar uma educação que rivalizaria, pelo menos, com a de Liza, Dan sentou-se à mesa nessa mesma noite e escreveu à sua namorada uma longa carta de amor em que lhe contou a sua boa sorte. E desde este dia até àquella em que partiu para Harvard, Dan teve a impressão de que vivia num céu aberto!

A partir do dia em que Liza partiu para sua escola, tornou-se patente uma mudança nas maneiras e hábitos de todas as mulheres moças que habitavam Pointview.

Cada uma dellas logo aborreu este ou aquelle estudo. Começou uma a estudar a lingua franceza, consagrou-se outra ao violino, envorredou uma terceira pelo bordado de fantasia. Não havia habitação em que a senhora do lar não estivesse, desta ou daquella forma entregue ao estudo, e nessa quadra, muita panela pegou "bispo" e muito pedim se estragou porque tão attenta estava ao estudo a dona da casa, que havia posto de parte os seus deveres domesticos.

Bem assim, no seu vestuário, como nas suas maneiras, as senhoras de Pointview mudaram muito, e a modista, a chapeleira local, encheram então as suas vitrines de "creações" que eram cópia exacta dos modelos da metrópole.

Entretantes Liza, na sua escola de aperfeiçoamento, e Dan na sua universidade, aprendiam toda a sorte de novos hábitos, contrahiam toda a especie de novas idéas, de que tudo resultava drenagem constante de dinheiro das algibeiras de seus respectivos paes. Em Nova York, Liza trabalhava conchiecimento com uma senhora Wasburton que começára a sua vida modestamente em Pointview. Essa senhora fóra namorada de Socrates até o dia em que o senhor Wasburton, pessoa muito mais abastada, tinha apparecido a solicitar a sua mão. A senhora Wasburton vivera dez annos com seu marido, fallecendo elle então e deixando-a viuva e rica.

Quando Liza se encontrou com a Sra. Washburton na cidade e lhe disse da escola em que estava, aquella senhora insistiu em tomal-a sob as suas azas e familiarisal-a com os habitos e costumes da cidade. Liza abençoou sua contribuição dos conselhos e instruções da Sra. Washburton, de que se mostrou desde logo excellente disciplina. A primeira lição da Sra. Washburton versou sobre o modo de vestir e della resultou Liza escrever a seu paee pedindo varias peças de toilette, na importancia de algumas centenas de dollars.

Dan também estava recebendo a esse tempo lições extremamente dispendiosas para o velho Pettigrew. Não havia agora carta do estudante que não tivesse um pedacinho de dinheiro, com alguma explicação neste genero.

— Preciso desse dinheiro para entrar para o Club dos Ratos Brancos, ou para entrar para a guarnição de remo da Universidade, ou para comprar roupa nova, etc.

A cada um desses pedidos o velho Socrates sufocava um grunhido, mas metia a mão no bolso e arrancava de lá o dinheiro. Uma manhã, depois de ausentes Liza e Dan quatro meses, Sócrates veio a passar, à porta do armazém de Sam Henshaw, e encontrou-o a costra-marcas os preços em

todas as suas etiquetas. A manteiga foi aumentada de quatro cents, o açúcar de dois, e todos os demais generos em proporção idêntica.

— Allò, Sam! Que estás fazendo? —
perguntou tranquillamente Socrates.

— Que quer você? o alto custo da produção obriga-me a aumentar o preço de alguns artigos... — respondeu Sam, fazendo-se vermelho.

— De alguns artigos? De todos os artigos, se me faz favor! — insistia Sócrates.

— Pois é: augmento de custo, na produção! repetiu Sam.

— O augmento de custo, com a manutenção de Liza no collegio, obriga-te a sobrecarregar quantos consumidores ha na aldeia, de modo a que a pequena possa continuar a educar-se. — hein?

E Socrates retirou-se, deixando o outro a olhar para elle, envergonhado.

Poucos dias depois, Socrates passou por casa de Bill Pettigrew e encontrou-o ocupado em operação idêntica:

— Cobrando a todos nós o imposto para a educação do teu rapaz em Harvard, — hein, Bill?

O-pae de Dan respondeu com um olhar culpado:

— Que remedio serão augmentar os preços quando augmenta o custo da produção?

— O custo da produção de estudantes graduados, — não é? — replicou Sócrates, afastando-se.

Mais tarde, já graduada pela escola de aperfeiçoamento, Liza fez uma viagem à Europa sob a direcção da Sra. Wasburton. Quando voltou a Pointview, mudou tanto que as suas amigas de outra mal a puderam reconhecer. Não só vestia toilettes e tecidos que cheiravam a Nova York e Paris a cem metros de distancia, como adquirira maneiras tão distintas que as suas antigas companheiras lhe tinham um certo medo. Para remate dessa distincção, acompanhava-a um homenzinho gordanchudo que ella apresentava a todos sob o nome pomposo de conde Alexandre Rolanoff. O conde fazia parte da "entourage" da Sra. Wasburton que viera a Pointview abrir a sua sumptuosa residencia de verão, mas era bem patente que o forasteiro dirigia a melhor das suas attentões a Liza, que já não era então Liza, mas Eliza, com o "beth" de contrapeço.

Quando Liza voltou a residir em casa de seu pai, encontrou-lhe mil defeitos, como bem se pode calcular. O resultado desses defeitos que Liza denunciou sem cerimônia, foi o pai ter que construir uma casa melhor e adquirir a mobília correspondente. Depois teve de comprar um novo automóvel. Atendidos esses detalhes, Liza viu com melhores olhos as coisas, mas não deixou de ponderar que a Sra. Henshaw, a quem ella ensinara um penteado novo e maneiras diversas das que ella jámais conhecera, precisava possuir algumas joias de família. O que sobretudo conviria, seria um diadema de brilhantes ou um cordão de perolas, e tão extremamente foi Liza apoiada pela Sra. Henshaw neste particular, que o pobre Sam, a quem não restava no bolso com que comprar um guarda-chuva de algodão, teve medo de dizer que não.

Na manhã seguinte àquella em que Liza dera o seu parecer sobre as joias da família, Sam foi procurar Socrates no seu pequeno escriptorio. Socrates, que se despojara da sua rabona e se absorvia na sua predilecta contemplação dos bicos das botinas, levantou-se e de novo convergendo comovidamente a sua sobrecaçada Príncipe de Gales, sentou-se à sua cadeira e assumindo a sua attitude profissional, in-

dagou de Sam, que se deixara cair na "cadeira dos clientes".

— E então, Sam? Em que te posso ser útil?

— Liza quer um diadema, um diadema de brilhantes! — explodiu Sam.

— Um diadema! De brilhantes!! — indagou Socrates, livido de espanto. — E onde é que ella quer que tu o vás buscar?

Sam respondeu referindo em detalhe a sua entrevista com Liza e sua esposa, e concluiu, prestes a chorar:

— Tenho que dar-lhes o diadema, Socrates; de outro modo essas duas mulheres nunca mais me deixam em paz!

— Pois sim, mas contigo não contes! Já me pediste muito mais do que podes pagar, e nunca te neguei! Dei-te o dinheiro para a tua casa nova, dei-te dinheiro para o automovel, mas que a variola me leve se eu te der dinheiro para esse tal diadema! Que é que tu pensas que eu sou? Algum banco?

— Soccorre-me, supplico-te, Socrates? implorou Sam.

Sam nada disse, mas absorveu-se por alguns momentos nos seus pensamentos.

— Não te dou o dinheiro para o diadema, mas dou-te um conselho de valor: vai á cidade e compra um diadema de massa. Faz a mesma vista de um verdadeiro, e custa-te quando muito uns trinta dollars...

— Pois sim, seja! Empresta-me os trinta dollars, Socrates...

Com um muchacho de raiva, Socrates extrahiu a carteira do bolso e quasi atirou á cabeça de Sam os trinta dollars que de lá arrancou. Com um sorriso feliz, Sam apanhou o dinheiro do chão e desapareceu.

Entrementes, Dan e Liza tornaram a encontrar-se. Dan apresentara-se o mesmo de sempre, mas Liza affectou uma altivez e dignidade que dilaceraram o coração de Dan e o feriram de tal modo em seu orgulho que elle se fez tão soberbo como ella. Era evidente aos olhos de qualquer que o conde estava desalojando Dan do lugar que sempre fora seu no coração de Liza, e que poucas probabilidades elle teria de vencer enquanto o conde estivesse presente. Dan tomou-se de grande paixão quando se apercebeu da situação e teve vontade de ajustar contas com o fidalgo russo aos bofetões, só desistindo da idea por medo de que Liza não lhe perdoasse.

Nessa noite, Sam voltou da cidade com um estojo em que repousava um esplendido diadema de pasta, cujo preço elle disse ter sido trinta mil dollars. No baile que a senhora Washburn deu na noite seguinte, foi o diadema exhibido na cabeça da senhora Henshaw, e por todos declarado a coisa mais linda que jámais se vira em Pointview.

Quando Dan percebeu que o conde estava a ponto de ganhar as boas graças de Liza cahiu em profundo desanimo. Era então visto a vaguear pelas ruas da aldeia, sem indicio de que pretendesse consagrar-se a nenhum trabalho serio. Salvou-o nessa crise a dedicação de Socrates que lhe queria como seu filho e que o despachou para terras suas, em cuja exploração o fez socio.

Liza accitou finalmente as propostas matrimoniaes do conde que ao velho Henshaw exigiu uma dotação de dez mil dollars, conforme os usos de seu paiz. Sam nada respondeu e no dia seguinte procurou o bondoso Socrates para pedir-lhe que lhe obtivesse essa quantia. Liza, esbodedora das difficuldades com que lutava seu pae, confiou o caso á senhora Henshaw que se promptificou a deixar vender o seu diadema, afim de que pudesse ser satisfeita a dotação reclamada.

Correu então a menina a levar a boa

nova a Sam que, reconso de que fosse descoberto o seu embuste, logo resolveu roubar o diadema durante a noite e destrui-lo. O mercceiro finalmente executou o seu plano, mas com tão pouca habilidade que despertou sua esposa e sua filha, pasmadas de encontrarem vazio o estojo que havia contido o "valioso" ornamento.

Com o correr dos dias ultimaram-se finalmente todos os preparativos para o casamento. Cinco minutos, porém, antes d'elle ter lugar, Dan entrou na posse de documentos reveladores de que o conde não passava de vil impostor que em França deixara esposa e filho ao abandono. Dan houve por bem recompensar-o então com uma boa surra e um mergulho em agua lamacenta e fetida.

Foi depois de tudo isso que Socrates teve uma longa explicação com Dan e Liza, dahi resultando uma completa reconciliação entre os dois jovens e o seu venturoso consorcio alguns dias depois.

O AMOR NÃO SE VENDE

(FIM)

Sim, de tudo isso se apercebera Helena, e quantos resentimentos ella tivera contra o millionario, todos se applicaram ante a habilidade com que sua tia lhe governava o coração.

Morton observava-a com interesse, e lançava mão de todas as armas de sedução para vencer-lhe a resistencia, até que Helena começou a pensar de si para si que, afinal de contas, Morton não era um mão partido. Quando chegou o momento do banqueiro lhe fazer a sua proposta formal, Helena teve a visão de Donald fiel ao amor de outra mulher, e declarou ao rei do ouro o seu assentimento.

— Que barulho vas fazer na Sociedade a noticia de vossos esponsaes! — exclamava a Sra. Wainwright. Has de ser a mais invejada de todas as raparigas do Estado, pois sei de milhares de outras que ha cinco annos debalde tentam colher Morton nas malhas das suas redes!

— Sim, concordo que seja um triumpho social — confirmou Helena, sem nenhum entusiasmo, — mas sinto bem que não está em tudo isto o meu coração, titia. Morton será talvez um marido dedicado, pois bem vejo que elle me ama; mas — muito me peza diz-o — eu não o amo, a elle!

— Amor? — Mas quem fala nisso? Amor é cousa que não existe; é mera ficção de nossa imaginação, — disse a tia ás gargalhadas. — Agora, para tornar publica a noticia dos esponsaes na devida forma, precisamos dar um jantar e realisar a boda, logo dias depois. Quero que a festa seja o maior acontecimento social da estação!

— Pois sim! Arranje lá o programma como melhor lhe aprouver. A senhora entende de tudo isso, muito melhor do que eu.

A Sra. Wainwright logo se lançou em preparativos, e fez as cousas com uma tal ostentação de luxo e opulencia que viu esgotados todos os seus recursos ao tempo de estar tudo concluido. A vasta residencia foi decorada de cima a baixo; gastou-se em flores uma pequena fortuna; mandou-se vir uma orchestra; confiou-se a uma casa de fama o encargo de servir um banquete elegantissimo, e finalmente, expediram-se os convites para a festa.

A Helena fora fornecida uma toilette sumptuosa. A tarde uma criada bateu á porta do boudoir e annunciou:

— Está ahí um cavalheiro que lhe quer falar. Não declinou o nome, mas disse ser urgente. É um moço alto, forte, muito sympathico.

Helena não se recortava de ninguém que se adaptasse a essa descripção, e ao descer á sala de recepção ia imaginando quem poderia ser.

— Helena! — exclamou o visitante.

— Tu, Donald Scott! — disse a moça, corando de surpresa.

Desapparecera no rapaz toda a timidez, toda a reserva antiga, pois tinha consciencia de que finalmente conseguira encontrar na vida o rumo que pretendia.

— Parece que não te causou grande prazer a minha appareição! — exclamou, desapontado.

— E com razão! — replicou Helena com frieza. — Depois da maneira como me desprezaste, ajussei casamento com o Sr. Morton!

O mancebo vacillou como se lhe houvessem assestado uma pedra á cabeça, fez-se livido, começou a tremer, e a sua expressão immediatamente traduziu um agudo soffrimento. Procurou dizer qualquer cousa, mas as palavras morreram-lhe na garganta. Depois, girou sobre os calcanhares, e sahiu ás cegas da sala!

Helena experimentou tão forte abalo que voltou ao seu quarto para reflectir. Meia hora depois, ali a foi encontrar aquelle ente de bondade que era seu tio.

— Estive com Donald, disse. — O pobre rapaz está abatidissimo, e manda-te pedir se queres ir á praia encontrar-te com elle por alguns momentos, na garagem das embarcações. Elle tem que te falar de um assumpto importante.

— Sim, decerto irei. Essa entrevista com certeza será para me fazer definitivamente as suas despedidas, — respondeu com presteza. — A que horas o encontrarei lá?

— Elle já lá deve estar, agora mesmo, á tua espera.

Helena partiu sem demora e, pallido, agitado, encontrou no desembarcadouro o seu antigo namorado.

— Tenho que te falar a sós, Helena, — disse o mancebo. — Aqui passa gente a toda a hora. Não seria melhor irmos de barco até á Ilha Gem?

— Sim, lá estaremos mais isolados, — annuiu a moça.

Elle deu-lhe a mão para entrar no bote e sem pronunciar palavra remou para a outra margem do rio. Ali haviam estado muitas vezes e logo procuraram o seu recanto favorito. Depois que ella se sentou, Donald, encostando-se a um velho tronco, disse-lhe:

— Trouxe-te aqui para te pedir que cases connigo. Ganho agora dinheiro sufficiente e tenho trabalho em abundancia.

— A tua proposta chega tarde, — respondeu Helena. — Não posso quebrar meu compromisso com Morton, que nunca deixou de ser leal para connigo. Porque hei de então renunciar a elle e preferir-te a ti?

— Mas, Helena, qual foi o meu crime? Tive que partir de momento para aproveitar uma offerta que não permitia demora. E essa offerta, só a accetei por tua causa!

— Tolices, justificações tardias! — atalhou Helena.

— Creio agora que Morton é um bandido sem coração, e que elle só me mandou para El Territo, para que nos separassemos! — prorompeu Donald, irritado.

— Não tolerarei estes exaggeros de linguagem contra o homem que vai ser meu marido! — protestou galhardamente a moça. — Além disso, não tens direito algum de falar assim!

— Foi uma acção desleal e indigna! — proseguiu Scott exacerbadamente.

Helena levantou-se e caminhou para a praia:

— Se foi só para me dizeres isso que me trouxeste aqui, será favor me levar de novo, — replicou altivamente.

Donald olhou então mecanicamente para o lugar onde enclinhara o escalor; mas, com grande pesar, verificou que a corrente o tinha colhido e que o barco desaparecera.

— Olha o barco lá ao longe, a mais de uma milha de distancia! Lá vai elle, ao sabor da correnteza! Estamos inteiramente isolados, nesta ilha deserta!

— Bonita situação! — fez Helena. — E agora como nos vamos arranjar para sair daqui?

— Não sei, — respondeu, sem animo. — Só se eu chamar algum bote que passe e elle acceitar levar-nos como passageiros!

— E os convidados para o jantar dos meus paes? A minha ausencia vai alarmar todo o mundo!...

Resignados, aguardaram silenciosos, vendo correr as horas. Foram avistados varios botes e Donald chamou-os gritando, mas ninguem deu attenção aos seus gritos. Depois, fez-se o crepusculo; e começou a trevejar. A situação tornava-se mais grave a cada momento que passava.

— Não podemos ficar aqui! — declarou Donald por fim. — Seria comprometter-te irremediavelmente! Sabes? Vou aproveitar as minhas qualidades de nadador, e atravessar para o continente, á procura de um barco que te venha buscar!

— Não, de modo nenhum! — protestou Helena. — A distancia é grande demais e não te seria possível vencel-a. Nem eu quero o remorso de consentir em tal.

— Fica tranquilla: nada tenias por mim! — respondeu obstinadamente, e descalçando-se, tirando uma parte da roupa, logo se atirou ao rio.

O vento levantara-se e agitava fortemente o mar. A força de uma onda atirou o nadador contra um penhasco semi-submerso, onde elle bateu com a cabeça. A rapariga ouviu o grito de desespero que Donald lançou, e, alarmada, atirou-se á agua, conseguiu apoderar-se do corpo desaccordado do mancebo e reconduziu-o a terra. O perigo que Donald corria pareceu entretanto despertar no coração da moça os seus sentimentos de outra hora; porém elle não o deixou perceber a Donald, quando este voltou a si.

— Desmaiaste e eu trouxe-te para terra, — explicou-lhe. — Eu bem te disse que não fosses. A tua teimosia por pouco te não custou a vida! Daqui por diante, talvez prestes mais attenção aos meus conselhos!

— O meu unico intuito era salvar-te! — respondeu Donald.

— Paciencia! Agora é tarde: aqui temos que passar toda a noite, e não ser que algem nos venha recolher!

Sentaram-se tristemente na areia, e passaram a noite a observar as luzes que appareciam no casario do continente distante.

Na residencia dos Wainwright, Morton e os convidados debalde esperaram o regresso de Helena. A opinião geral é que ella mudara de opinião relativamente ao casamento com Morton e fugira de casa. Mesmo seu tio, o seu grande amigo, acreditava que ella houvesse fugido com Donald, hypothese essa que o enchia de contentamento.

— Para mim é ponto de fé que ella gostava muito mais daquella rapariga do que do senhor! — disse elle a Morton.

E o millionario, profundamente humilhado, sentiu-se mal á vontade:

— Creio que tem razão, Wainwright! — concordou. — É uma vez que assim é, que faço eu aqui? Vou-me embora, e considerarei encerrada para sempre a historia do casamento que tentei com Helena.

Sem mais, partiu.

Para descobrir a rapariga, fizeram-se pesquisas que duraram toda a noite. De manhã, Sarah, a criada de Helena, disse á Sra. Wainwright:

— Eu sei que a minha patroa não tolerava a idea de se casar com um homem a quem não amava, e, para mim, ella preferiu matar-se a ter que sujeitar-se a semelhante desventura!

A Sra. Wainwright deixou escapar um suspiro sentido, pois a culposa consciencia fel-a sentir-se assassina da pobre moça.

Quando o Sr. Wainwright foi ter com elles, ouviu a criada exclaimar, apprehensiva:

— Vamos á praia, a ver se encontramos o cadaver!

O proprio Warren Wainwright começou a affligir-se. Num nervosismo irrefreavel acompanhou Sarah até á praia, e ali foram encontrar o barco de que Donald e Helena se tinham servido.

— Olhe aqui! — exclamou Sarah, tirando o chapéo de Helena e o casaco de Scott de dentro do escalor. — Eis uma prova de que os dois foram neste bote, e juntos se atiraram ao mar!

— Santo Deus! — murmurou Wainwright. — Está me parecendo que tens razão, Sarah!

A criada caminhou para a residencia, e voltou momentos depois, em companhia de Betty.

Entrementes, na ilha, Helena pelejava mentalmente contra o seu affecto por Scott, agora resuscitado em seu coração. Sentia-se agora certa de que realmente amava o joven architecto, e de que não podia portanto, conscientemente, cumprir a palavra que dera a Morton. O seu orgulho vedava-lhe porém falar a Donald do que se passara no seu espirito. Debatia ella consigo mesma o problema da sua situação, quando lhe chegou aos ouvidos o rumor de remos manejados nos forquetes, e viu um barco apparecer na agua.

— Soccorro! Soccorro! — gritou.

O bote encostou, os dois jovens contaram o que lhes succedera, e o pescador os levou ao continente, onde o Sr. Wainwright, Sarah e Betty correram ao seu encontro.

Os homens cobriram de um olhar de censura Donald Scott, que tentava explicar como se haviam passado as coisas. Mas Betty não pôde dominar a sua coherencia, e repentinamente, a sua mão cerrada descarregou no rosto do mancebo um socco que o prostrou ao chão, desaccordado.

— Miseravel! — exclamou fora de si.

— Desgraçaste Helena para sempre!

— Não, não é verdade! — protestou a moça.

— Não foi culpa d'elle!

— Tu, cala a bocca e vem para dentro! Já bastante mal nos causaste! Minha irmã está longe de afflicção!

Depois que entraram na habitação, surgiu uma scena tempestuosa entre Helena e a Sra. Wainwright e Betty.

— E' preciso que te justifiques perante o Sr. Morton! — gritava a Sra. Wainwright, cheia de coherencia. — Pondo mesmo de parte o escandalo que a tua ausencia, durante toda a noite, não deixará de causar, precisas ter em conta que só o teu casamento com Morton nos pôde salvar. Compreendes?

— Não, não me casarei com Morton! — retorquiu Helena. — Porventura para servir á sua ambição hei de sacrificar a minha felicidade?

Mais tarde houve uma nova crise, provocada pela Sra. Wainwright; mas nessa altura seu marido interveiu:

— Ordeno-te que deixes essa creança em paz. Não quero saber dos teus planos: ella resolverá por si, e não consentirei que continues a coagil-a!

— Tu é que não tens que intervir nisto! — atalhou Betty.

— Ah, não tenho? — replicou Wainwright, sarcasticamente. — Sabem que mais? Ponham-se os dois para fora desta sala, e depressa, para que eu os não expulse por minhas proprias mãos!

Os dois irmãos reconheceram que Wainwright possuía como estava, podia bem commetter algum desatino, e apressaram-se em fugir do aposento, mas não sem que o fiel amigo de Helena os perseguisse até á porta.

O Sr. Wainwright sahio pouco depois e dirigiu-se ao aposento de Donald, onde o encontrou entregue aos cuidados da criada. Explicado de que modo haviam os dois jovens ficado isolados na ilha, o Sr. Wainwright acceitou a explicação.

— Estou porém numa situação embarrassada — ponderou Donald — e desejava ouvir o seu conselho.

— O meu conselho? Faça o que farão os seus antepassados numa situação semelhante: agarre o boi pelas hastes, e recorra á força!

Depois que elle se retirou, Donald lembrou-se da cobarde aggressão de Betty, e levantando-se, metteu um revólver no bolso e sahio.

Entrementes Helena, depois de muito reflectir na situação, fôra procurar Morton, e este seu acto causou grande satisfação a Betty e sua tia, certos agora de que ella tinha ido reconciliar-se com o millionario.

Morton, ao retirar-se de casa dos Wainwright, na noite anterior, chamara Lillian Lord por um telephone publico:

— Quero que voltes para a minha companhia. Vou me installar novamente no bungalow. Darei ordens no Country Club para que façam conduzir ao bungalow a senhora que me procurar, num carro que ali deixarei á porta. Vou me casar contigo!

— Que alegria! — exclamou Lillian. — Lá estarei, em poucos minutos!

Helena procurou Morton no Club e não o encontrou; mas ali lhe foi dito que á porta se achava um carro que a conduziria aonde elle estava. A idea, embora extranha, pareceu-lhe no momento excellente, e assim fez-se conduzir sem demora ao bungalow.

Donald não alcançou Helena em casa; mas, sabedor de que ella fôra a casa de Morton, para ali se dirigiu, no intuito de evitar que ella se humilhasse ao banguero.

Assim penetrou Helena no bungalow onde, a essa hora, Morton esperava a chegada de Lillian.

— Que surpresa é esta? Que motivo a traz aqui? — interrogou Morton, perplexo.

— Vim dizer-lhe que amo Donald Scott e que portanto não posso casar contigo, — respondeu corajosamente. — Preciso porém que o senhor, por si proprio, me desligue da minha palavra.

— Uma vez que não me ama, estou prompto a fazer o que me pede! — respondeu brevemente, pois não queria que Helena soubesse das suas relações com a mulher que esperava a cada momento. De mala a mala avistou, por uma janella,

Donald numa attitude hostil, e isso ainda mais avivou o seu desejo de afastar Helena e ter com Scott uma explicação sincera.

— Ah! vem Scott, e elle é capaz de se illudir sobre o novel da sua visita! Para evitar difficuldades, acho conveniente que desapareça, quanto antes.

Recessa, atropalhada, Helena puxou, em vez da porta de sahida, uma outra que dava para um compartimento onde estava alojado o fogão de gaz, e ao entrar, camufladamente desligou o tubo da canalisação.

Morton conseguiu igualmente convencer Scott de que desistira de Helena para sempre quando esta, prostrada pelo gaz, se deixou cair contra a porta, e tombou ao chão. Scott esteve a ponto de fazer uso do seu revólver contra Morton; mas sobrepujou-o uma reviravolta completa dos seus sentimentos, e inteiramente abatido, deixou cair a arma.

O tio de Helena acudira justamente no momento em que Morton procurava fazer voltar a si a rapariga, a quem levou consigo, passando pouco tempo.

As primeiras palavras que Lillian pronunciou ao chegar—“Lee, aqui me tens, prompta a me casar contigo!”—acabaram por convencer a Donald da sinceridade de Morton e logo o coração lhe foi invadido por tumultuosa alegria.

No jardim avistou uma sebe, por traz da qual Helena, abraçada a seu tio, chorava, explicando-lhe os motivos por que procurava Morton. Certo da fidelidade da sua namorada de infancia, Donald disse-lhe então:

— Ouvi-te há pouco declarar a teu tio que me amas, e essas palavras bastam para me fazer o mais feliz homem do mundo! D'ora avante nada nos poderá separar, não é verdade, Helena?

— Nada, nada nos poderá separar! — repetiu Helena. E lançou-se nos braços amorosos que se lhe offereciam para sempre.

UMA ACTRIZ RUSSA

(FIM)

Terminara o jantar. Lisa levou Brett para o seu salão de estudos. O mancebo parecia hesitante. Despediu-se por fim. Ao chegar à porta, porém, voltou-se e tal expressão viu no rosto da moça que voltou a correr para junto d'elle. Tomou-a nos braços e, sem que os procurassem, os seus labios se encontraram.

— Lisa, meu amor, queres casar comigo?

— Não penso em casamento volven a moça melancolicamente.

— Dize-me, Lisa, com franqueza: essas cousas que os jornaes publicam a teu respeito, essas aventuras, essas extravagancias, essas loucuras são verdadeiras?

— Lisa teve uma tentação. Quiz dizer que sim. Uma força invencível porém fez-a menear negativamente a cabeça.

— Bem desconfiava que era um simples processo reclamativo de Oswaldo Kane. Por favor, Lisa, abandona o palco!

A moça deixou-se enlaçar nos braços de Brett Page que, beijando-a em um hombro, murmurou:

— Adoro-te, Lisa, com esse teu formoso sotaque estrangeiro, teu andar elegante, tua graça, tua formosura, teu talento, que de ti fazem uma mulher inconfundível... Lisa Parsinova!

Estas palavras desencantaram a rapariga. Era então Lisa a mulher amada. Era a artista, não a mulher. Desfechoou uma risada. E como o rapaz a encarasse admirado:

— Na proxima temporada vou represen-

tar um papel de menina ingenua. Como achas que o deva representar?

Brett recuou dois passos, pallido. Ella continuou cruelmente escarminha:

— Serei uma ingenua simples e sincera como uma... provinciana, uma matufazinha. Uma creatura innocente... que nunca foi... beijada!

Havia nas ultimas palavras da artista um accento dilacerante. Brett, porém, não notou essa particularidade.

— Comediantel! rousou. E sahio, sem se despedir.

Livida, em lagrimas a moça via-se em um espelho. E dizia entre lagrimas, afogada em suspiros:

— Elle te adora porque tens um sotaque estrangeiro, um andar elegante... de actriz russa! Ah! tenho desejo de matar-te, mulher artificial e falsa!

E a timida Lizzie, transformando-se momentaneamente na extravagante slava de cujos feitos andavam cheios os jornaes, arremessou contra o espelho que lhe reflectia as formosas feições convulsionadas um precioso Sèvres, despedaçando-o.

+

Chegava a ultima noite da estação. A despedida de Lisa Parsinova deu motivos a novas homenagens por parte do publico. Ao cerrar-se o velario sobre as derradeira scena o publico, de pé, ovacionou-a por longo tempo. Na platéa só Brett Page, triste, não tomava parte nessas homenagens. Fora grande a sua desillusão. Aquella mulher, afinal, era como tantas outras...

No escriptorio de Oswaldo Kane, Lizzie ouvia o emprezario.

— E' este o novo drama para a proxima temporada. Queira lê-lo durante as férias. Será um novo triumpho para si.

Lizzie, com um gesto fatigado, repelliu o manuscrito.

— Perdoe-me. Mas estou tão nervosa... Não mereço que tome por mim tanto interesse.

Oswaldo Kane sentou-se ao lado della no "divan" e, tomando-lhe a mão entre as suas:

— Mereces, sim, mereces tudo. Se de facto fiz de si uma grande artista devo dizer-lhe que os seus triumphos encheram-me do mais grato orgulho. E sabe de uma coisa? Tenho um grande pezar por sua causa.

— Por minha causa?

— Sim. Percebo que o seu amor à arte vai desaparecendo, à proporção que augmenta o seu amor por Brett Page.

A moça teve um sorriso amargo.

— Esse amor já não existe. Eu mesma lhe assegurei que não pensava em casar-me.

O emprezario teve um movimento involuntario. A alegria irradiou em sua physiognomia.

— Finalmente! Bem se vê que tens juizo. Tu não podes pertencer a outro homem.

A moça olhou-o espantado.

— Sim, porque Lisa Parsinova pertence-me, é minha só. Lembra-te de que nunca mais poderás ser Lizzie Parsons. Lizzie morreu. Só a Parsinova existe.

A moça revoltou-se.

— Mas eu não quero prolongar por mais tempo esta intoleravel situação. Quero despir essa falsa personalidade. Não posso mais continuar a enganar meio mundo. Sou e serei... Lizzie Parsons.

Oswaldo tomou-a violentamente nos braços e beijou-a com furor, dizendo:

— Fiz de ti uma actriz celebre, uma artista de fama. Lisa, lembra-te de que nada nos pôde já separar senão a morte.

Lisa apartou-se bruscamente do amplexo, limpando os labios, e correu para a porta.

Mas o emprezario, á guisa de despedida, disse-lhe ainda:

— Lembra-te, Lisa Parsinova! Só a morte!

+

Na Inlet Plage, como alias em toda parte, Lisa Parsinova tornava-se o motivo de curiosidade e admiração de toda a gente. Todas as tardes, com o seu vestuario de banho, tomava um bote e sózinha fazia longas excursões. Naquella tarde porém o velho guarda fez-lhe recommendações insistentes:

— Não se afaste muito, miss. O nevoeiro está muito intenso e pode se perder. Depois o mar não está lá muito manso e o vento tende a virar, ameaçando temporal.

Lisa sorriu aos conselhos do velho.

— Ora, seria uma morte romantica para uma artista!

E fez-se ao largo.

Em New York recebia Brett Page uma visita singular. Etta Ellys, a creada de quarto da artista, propunha-lhe um negocio:

— Posso vender-lhe um importante segredo da actriz Lisa Parsinova.

O primeiro movimento do millionario foi expulsar a chantagista. Dirigiu-se para a campainha.

— Ora, eu não faço grande empenho em vendê-lo a si. Sou até muito cordata, procurando-o. Só peço mil dollars. Qualquer jornal pagar-me-ia muito mais.

Vencendo a repugnancia, o moço tornou a sentar-se.

— Vamos lá. Diga.

— Ella não é russa. Embromou-nos a todos, de parceria com o seu emprezario, naturalmente. E' tão americana como qualquer de nós.

— Podes provar isso?

— Facilmente. Aqui tem a prova de que ella nasceu na provincia e chama-se Lizzie Parsons.

Estendeu-lhe uma photographia. Era evidentemente Lizzie, mais moça, cabellos soltos sobre um traje de talhe visivelmente provinciano. Em baixo estava escripto em letra que, apesar de algumas differenças, elle conhecia perfeitamente. "Lizzie Parsons. New England 19..."

Levantou-se, foi ao cofre, tirou mil dollars e entregou-os á rapariga, recommendando-lhe entretanto:

— Se transpirar qualquer cousa deste negocio fal-a-ei prender por tentativa de chantage.

E quando ella se retirou:

— Jim! Faz as minhas malas. Partamos para Inlet Plage.

+

Brett Page achou o hotel em grande agitação. A linda russa, a celebre artista que sahira, como de costume, á tarde, para um passeio de bote, não voltara. Os barcos enviados á sua procura tinham afinal encontrado o bote em que ella partiu e dentro d'elle o seu casaco. Lisa Parsinova desaparecera. Brett Page correu até a praia.

O mar immenso estendia-se na sua frente, mudo á sua dolorosa interrogativa.

Voltou sobre os seus passos e embebido em sombrias reflexões foi até a estação da estrada de ferro, decidido a voltar para New York. Ao passar pelo modesto restaurante da estação lançou para dentro um olhar distraído. Em trages de viagem, modestos, tão differentes daquelles que se habituára a ver em Lisa, uma mulher brincava distrahidamente com um gato branco.

Não havia duvidar: era ella. Bett fez volta e entrou. Quando Lizzie o viu, ergueu-se com um gesto de susto. Mas o mancebo tomou-a carinhosamente nos braços:

— Lizzie Parsons, o teu segredo é meu tambem agora. E vae já e já casar comigo.

— Se a mulher que ama é uma grande actriz russa de máo gênio e que toma chá e fuma cigarilhas...

— Não é. A mulher que eu amo chama-se Lizzie Parsons. Lisa Parsinova morreu. De hoje em diante serei eu o teu empresário... e para toda a vida.

Os lábios de ambos se uniram longamente. E a botiqueira, que chegava, trazendo a refeição encomendada por Lizzie, vendo a scena inesperada, alvitrou boquiaberta:

— Vou apostar que querem antes... uns doces...

MARIDO QUE DESCONFIA (FIM)

reito até aqui; mas assim não será por muito tempo, se continuar a andar com esse tal Ormsby...

O Sr. Maddis foi à estação da estrada de ferro e soube que estava a partir um trem para a cidade em cujas proximidades Ormsby tinha instalado a sua residência campestre. Ao saltar em Long Island, alugou uma carruagem. E, em caminho para casa do millionário, não cessava de repetir a si mesmo que aquella ancã sua era uma tolice, que Florence tinha bem direito a um pouco de recreio, e que ella era sufficiente para se defender. Com tudo isso, não se resolvia a voltar: uma estranha intuição de que Florence precisava delle impellia-o a proseguir. Ao chegar à residência de Ormsby, pôde então reconhecer o caracter prophético daquella intuição, pois chegava a temer de salvar Florence das mãos de Ormsby que, sem esforço, a agarrara nos seus braços brutos e ria agora dos esforços que ella fazia para lhe escapar. Através uma ampla janella que abria sobre o terraço, o Sr. Maddis percebeu a scena, e apressando-se a correr onde estavam os dois, assentou em Ormsby um bote firme, e arrancou-lhe dos braços Florence. Furioso, Ormsby abriu a gaveta de uma mesa e arrancou de lá um revólver que pouco depois apontou, cambaleando sobre as pernas. Maddis saltou sobre elle e procurou tirar-lhe a arma. Mas, na luta, o revólver descarregou-se e uma bala foi attingir o hombro de Ormsby que se deixou cair numa cadeira, gemendo.

— Vocês, raparigas, sumam-se daqui immediatamente! — segredou Maddis, receoso de ter morto o seductor. Tomem esse cab que está à porta, e corram à estação, mas não esperem por mim. Se houver algum trem antes que eu chegue, aproveitem-no. Aqui está o dinheiro para os bilhetes.

Assustadas a ponto de mal poderem falar, as raparigas desertaram o quarto. Ormsby abriu os olhos, estendeu uma das mãos e tocou um botão electrico. Dentro de poucos segundos, um criado acudiu ao chamado.

— Telephone ao medico, depressa! — disse-lhe Ormsby. — Este individuo deu-me um tiro. Chame Watson e Foley, e entreguem-no à policia.

— Mas o senhor sabe perfeitamente que foi um accidente! — protestou Maddis, recuando para a janella. — O Sr. é que quiz atirar sobre mim!

A scena feriu-o de tal modo em seus sentimentos de justiça, que todo o seu corpo se pôz a tremer e teve de se apoiar a uma cadeira para vencer a fraqueza que, repentinamente, o avassalou.

— Não se mova dali! — ordenou Ormsby. — De resto, não lhe seria possível fugir! Se o tentasse, os meus criados depressa o agarrariam e lhe dariam um castigo exemplar, garantio-lhe!

— Mas o senhor decerto não comprehendel Eu vim aqui, em defeza de minha filha! — protestou de novo Maddis.

— Pouco importa saber quem o senhor é nem o que veio fazer: o certo é que invadiu a minha casa, como um malfeitor!

Ormsby bem sabia que calumniava estava levantando, pois ha pouco Florence, em sua presença, chamara por pae aquelle homem.

— Tem havido uma serie de arrembamentos e roubos aqui na vizinhança, e vou fazer que o seu exemplo sirva de escarmento aos outros!

Nessa altura, appareceram Foley, o "chauffeur", e Watson, o outro coqueiro.

— Esse sujeito entrou por aquella janella e deu-me um tiro! — tornou Ormsby, — quero que elle seja preso e entregue à policia!

— Ah, isso não! — exclamou Maddis. — O senhor bem sabe que não está dizendo a verdade! O senhor bem sabe o que é que eu vim fazer aqui!

— Mas suspeito que roubar fosse o seu intuito! — tornou Ormsby, com escarneo.

Maddis reflectiu então como lhe ia ser difficil livrar-se de tão aleivosa imputação. Era manifesto que para se livrar da culpa attribuida, tinha que dizer a verdade e obter o testemunho de Florence. Ora isso, elle não o podia fazer. De modo nenhum a envolveria no incidente, pois tinha em mais estima a reputação de Florence do que a sua propria liberdade!

Na manhã seguinte, Maddis conseguiu fazer chegar ás mãos da filha uma carta em que lhe descrevia a situação e lhe supplicava que não tomasse parte alguma no processo. Ella não comprehendeu bem a gravidade do appello, pois estava certa de que, superficialmente como o fóra o ferimento, Ormsby nada faria contra seu pae.

E foi só quando as portas da prisão se cerraram sobre Maddis que ella se apercebeu do que Ormsby, com a sua fortuna e influencia, era capaz de fazer.

Tudo isso se passara um anno atraz. Fóra facil a Florence evitar o millionario durante esse periodo, a maior parte do qual elle passara fóra dos Estados Unidos. Mas agora, desde o seu casamento com Rors, Ormsby voltara a preferir-a para objecto das suas abominadas attentões. Cada vez que ella o repudiava, vinham as ameaças: elle referiria á familia de Rors a historia daquella visita nocturna, denunciar-lhe-ia o pae como réo de policia, e tudo contraria a seu modo, bem entendido. Era por esta maneira que elle a coadunava a aceitar as suas attentões e convites.

Nessa noite de ausencia de Rors, Florence foi ao baile com o coração carregado de apprehensões. Presentia a imminencia de uma crise. E no correr das dansas, das frivolas conversas com pessoas amigas que não cessavam de procural-a, através o encantamento da musica, jámais se libertou da idéa de que Ormsby não tardaria, em breve, a declarar o objecto de seu jogo. A resposta que ella ia dar precipitaria o conflicto. E sentia o coração como que comprimido por um bloco de gelo quando tentava deavassar o que seria o futuro, pois adivinhava estarem-lhe reservados horrores tragicos a que ella não saberia sobreviver.

Ormsby insistiu em entrar no seu aposento, quando a levou para casa.

— Quero ter uma conversa comigo, — disse a justificar a impropriedade da sua visita. — Tenho contemporizado tempo bastante. Agora, exijo uma resposta!

E Florence sentiu-se cheia de energia, inteiramente firme em seu proposito:

— A minha resolução é apenas nunca mais o tornar a ver! — disse com firmeza. — O senhor não tem crendo de per-

seguir-me e ameaçar-me da maneira mais vil! Agora, porém, estou resolvida a revelar tudo a Rors, dada a firmeza do seu amor e da sua confiança em mim!

Ormsby fez-se vermelho até ás orelhas. Pois que? Ia deixar que no ultimo momento lhe escapasse a caça?

— Não seja louca! — disse-lhe. — A senhora tem habilidade sufficiente para fazer o seu jogo com Rors... Eu posso-lhe dar muito mais do que elle... De resto, não pretendo tiral-a ao seu marido; mas estou louco pelos seus encantos, e desejo-a mais do que nunca desejei mulher nenhuma! Ora é meu costume obter sempre o que pretendo...

Avançou para ella de braços estendidos, mas Florence fugiu-lhe, lançou-se a correr, atravessando a sala de jantar, em direcção ao corredor que ligava a cozinha ao quarto da criada. Ormsby não a perseguiu. E tornando atraz da sua idéa de chamar a servente, voltou pela sala de jantar ao foyer, e correu escada acima até ao seu quarto, onde se fechou. Ao passar pelo vestibulo, reparou no chapéo e sobretudo de Ormsby, pendurados no cabide.

— Elle que espere até se cansar! — disse de si para si. — Com certeza não se atreverá a subir aqui, de modo que o barulho desperte a criada.

Cinco minutos depois ouviu passos na escada, sentiu que alguém apalpava a porta do quarto.

— Quem é que está ali? — perguntou.

— Sou eu: Abre a porta!

Era a voz de seu marido!

Com um suspiro de alívio, franqueou, a correr, a entrada do aposento, e lançou os braços em volta do pescoço de Rors, mas este desviou-a para longe, e lançou um olhar de inspecção a todo o quarto.

Cheia de apprehensões, Florence poz-se a observal-o. Era claro que o trabalhavam suspeitas... Ou já saberia alguma coisa?

— Abre aquelle compartimento, ali! — disse-lhe mysteriosamente.

— Mas para que, Rors? — perguntou surpresa.

— Ah, hesitas? Pois então lá vai! — E puxando de um revólver automatico, fez fogo contra a porta.

— Rors! — disse Florence, agarrando-se a elle. — Que é que tens? Por que fazes isso?

Ella não demonstrou curiosidade alguma pelo que pudesse conter o compartimento, e assim concluiu Rors que andara errado nas suas presumpções. Um pouco envergonhado do seu tragico modo de agir, retirou-se para o seu proprio aposento, sem dar explicação alguma. Junto ao quarto de dormir de Florence ficava uma janella, e sobre um divan que ali havia, Florence deixou-se cair, numa crise de lagrimas. O peso esmagador do sombrio futuro que tantas vezes lhe enchera o pensamento começava a descer sobre ella!

De repente, levantou a cabeça e poz-se à escuta. Pareceu-lhe ouvir uma pessoa no seu quarto de cama. Poz-se de pé, de um salto, e correu naquella direcção. Ninguém! Mas a porta do compartimento estava aberta, e dali até ao janellão que dava para o jardim corria um rasto de sangue!

Florence deu um grito que fez acudir Rors. Pallida de morte, a esposa de Rors cravou os olhos nelle, apertou-lhe as manchas vermelhas que se alastravam pelo chão, e caiu inanimada. Quando voltou a si, encontrou-se no seu leito, entregue aos cuidados da criada. Rors sahira, informou a empregada, sem deixar recado algum.

Nesse dia, trouxeram os jornaes da tarde uma noticia sensacional. Ned Ormsby fallecera em sua residencia de Long Island, em consequencia de ferimentos de revólver que lhe tinham sido infligidos na

noite anterior, Rora Van Beckman entregara-se à polícia, como autor do assassinato.

Florence quis então ir visitá-lo; mas elle mandou-lhe dizer que não a desejava ver. Era o desentace que chegava, mas mais horrível do que ella já jamais imaginara! Estava tudo acabado entre ella e Rora. só lhe restava ir trabalhar para ganhar o seu pão!

Dada a notoriedade de que o caso circundou o seu nome, não encontrou difficuldade em voltar à vida de theatro, com altos vencimentos.

Approximava-se a data do processo. Rora não fizera nenhuma declaração à polícia para mostrar que havia sido impellido ao seu acto, que o seu homicídio era justificavel. Os seus labios não se haviam desferido um momento, e ainda antes de iniciada a luta final, no tribunal, já os seus advogados desesperavam de poder vencer. Florence ouviu o que se dizia aqui e ali, e reflectiu:

— Foi tudo culpa minha! Arruinei-lhe a vida, desgraçei-o para sempre, serci talvez causa da sua morte! A minha vida nada vale para mim, nem para ninguém! O menos que posso fazer é, pois, salvá-lo!

Procurou então os advogados de Rora e revelou-lhes o que elle lhes occultava.

No dia do processo, quando toda a assistência da sala do tribunal já se contristava pela sorte de Rora, abandonado sem defesa à sua sorte, houve um momento de sensação, ao ser annuciado que Florence Van Beckman ia occupar a cadeira das testemunhas.

As suas declarações sobre a presença de Ormsby em sua casa emprestaram desde logo ao caso um novo aspecto. Rora lançou-lhe um olhar furtivo e escondeu o rosto nas mãos. Através da sua angustia, ao ouvir a diffamar-se a si mesma para o salvar, elle comprehendeu a sua coragem e abnegação. Para ella assim proceder — reflectiu — era preciso que o amasse muito! Assim pensaram outros, notadamente todos os da familia Van Beckman.

— E onde estava Ormsby, quando o accusado penetrou no seu quarto? — perguntou-lhe o advogado.

— Estava escondido no compartimento de que falei.

— E seu marido descobriu-o ali?

— Não: suspeitava apenas, e fez fogo sobre a porta.

Mais uma nova sensação se produziu quando, nessa altura, ao fundo da sala, uma voz imperiosa reclamou:

— Deixem-me falar, a mim, pelo amor de Deus! Sr. Juiz: isso que ella está dizendo não é verdade. Ormsby não estava na casa. Ella está mentindo para salvar o marido! Era eu que estava no compartimento, e não Ormsby!

Com passo tremulo, o Sr. Maddis percorreu a coxia, e parou por fim junto à grade, arquejando de fraqueza e de afflicção. Tinha um dos braços preso num lenço amarrado ao pescoço, e os seus olhos proclamavam bem alto o seu soffrimento.

— Papae! — exclamou Florence. Desceu da cadeira alta que occupava, e com as faces banhadas de lagrimas correu a abraçá-lo.

— Calma, calma, pequerrucha! — disse Maddis com enternecido carinho. — Eu vou contar as cousas como se passaram, e tudo se ha de apurar!

Levado à cadeira das testemunhas, teve toda a assistência suspensa das seus labios, enquanto descreveu os acontecimentos daquella noite tragica. Recobrada a sua liberdade, fôra em busca de Florence. Vira-a partir de casa em companhia de Ormsby, e ficara vagueando á toa, á espera de que ella voltasse. Informado qual

era o aposento dos Van Beckman, verificou que podia introduzir-se nelle por uma janella que abria sobre um pateo lateral. Quando os dois voltaram, já elle se achava no aposento. O seu intuito era salvar Florence do miseravel que, a elle, o arrastara à prisão. Ouvira Florence dizer a Ormsby que se fosse embora, e depois correr para os fundos da casa. Ormsby dirigira-se para o *foyer*, a rir, como se pretendesse subir a escada que dava accesso ao andar superior. Maddis tinha o pé no primeiro degrão da escada, prompto para descer. Ormsby deu com os olhos nelle e, evidentemente assaltado por um repentino terror, fugiu da habitação, sem se preocupar sequer de apanhar o chapéo e o sobretudo.

Appareceu então Florence, que subia as escadas, a correr. Maddis achou prudente não lhe apparecer assim de improviso, e metten-se no compartimento do seu quarto de dormir. Momentos depois, Rora Van Beckman pediu que lhe fosse franqueada a porta, e assaltado pela suspeita, talvez induzido em erro pelo chapéo e sobretudo que avistara no hall, fez fogo contra a porta do compartimento, ferindo-o a elle, Maddis, no braço e num dos lados.

Houve então em toda a assistência um suspiro de alívio. Florence chorava silenciosamente, e a Sra. Beckman, sabendo da sua usual austeridade, derramava lagrimas de verdadeira alegria. Minutos depois, Rora era absolvido.

Mas agora defrontava a justiça com um novo mysterio: quem fôra então o assassino de Ormsby? Uma investigação pertinaz, por parte dos "detectives", por cõbro á reserva em que a principio se abroquelara o criado de confiança de Ormsby, o qual finalmente declarou que uma mulher que Ormsby ha tempos desprezara procurara-o na noite em questão e o matara, no correr de uma forte discussão.

Os Van Beckman não sabiam fazer as cousas pelo meio, e agora, que as suas sympathias se inclinavam para Florence, apressaram-se em dar-lhe uma compensação pelos muitos agravos do passado.

— Essa rapariga é um anjo! — declarou o Sr. Van Beckman.

— Um anjo de bondade e de abnegação! — concordou a Sra. Van Beckman. — E' preciso fazer-lhe sentir quanto estamos agora arrependidos dos nossos preconceitos pueris!

Nessa noite, na sua salinha de visitas, Florence presidiu a uma verdadeira recepção, em que, com o braço de seu marido em volta da cintura, aceitou as desculpas dos Van Beckman, e lhes prometeu, de uma vez por todas, nunca mais pôr o pé no palco de um theatro.

OS NOSSOS CONCURSOS

RESULTADO FINAL

Apuração dos votos recebidos até 30 de Abril

Wanda Hawley	95
Betty Compson	92
Lotte Neuman	83
Francesca Bertini	81
Elsie Ferguson	80
Pearl White	64
Edna Murphy	62
Geruldine Farrar	61
Constance Talmadge	60
Clara Kimball	56
Pauline Frederick	51
Dorothy Phillips	49
Constance Binney	45
Lillian Gish	41
Ruth Roland	38

May Mc Avoy	36
Pina Menichelli	33
Gladys Walton	29
Gladys Brockwell	26
Billie Burke	26
Viola Dana	20
Eileen Selgwick	19
Dorothy Gish	18
Estelle Taylor	17
Juanita Hansen	16
Doris May	15
Edith Johnson	14
Mia May	14
Alice Brady	14
Ossi Oswalda	13
Mabel J. Scott	12
Marie Walkamp	12
Mildred Moore	10
Alma Rubens	10
Justine Johnston	10
Abigail Maia	10

Todas as mais com menos de 10 votos.

2. — Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

Theodore Roberts	65
Art Acord	63
George Walsh	62
Harry Liedtke	60
Lon Chaney	60
Amieto Novelli	51
Tom Mix	47
Eddie Polo	46
Monte Blue	46
Frank Mayo	44
Bryant Washburn	42
Sessue Hayakawa	41
John Barrymore	40
Frederic Burton	37
Jack Holt	31
Francis X. Bushman	30
Charles Chaplin	29
David Powell	26
Douglas Mc Lean	25
Elmo Lincoln	24
Montagu Love	21
Hoot Gibson	21
William Russell	19
Jack Perrin	18
Creighton Hale	17
Harrison Ford	17
Harry Carey	16
Gaston Glass	15
Charles Ray	14
Conrad Nagel	13
Rue Crute	12
Ben Turpin	11
Cullen Landis	10
Franklyn Farnum	10
George Cheselro	10
Luigi Serventi	10
George B. Seitz	10
Gustavo Serena	10
Ben Wilson	10
Aimé Simon Girard	10

Todos os mais com menos de 10 votos.

3. — Qual o film que mais lhe agradou em 1921?

A mulher e o mundo	99
Dahlia ou Eis minha esposa	94
Ann Boleyn	93
Machiavelismo	92
Idolos de barro	90
A roda da fortuna	90
Ardo da juventude	84
Dansarina incognita	81
Por que trocar de esposa?	80
Por direito de conquista	64
Adoração de mãe	63
Fôra da lei	61
A mulher que Deus esqueceu	60



GRATIS!...

Si quer ser feliz em negocios e em amizades, gozar saude, viver longo tempo, não perder ao jogo, saber como hypnotisar e magnetisar de perto e á distancia; exercer a clarividencia, augmentar a memoria e o poder da vontade, livrando-se de máos hábitos e adquirindo faculdades productivas; conhecer a fundo o espiritismo e a magia; combater e vencer a inveja e a calunnia; livrar-se das máas influencias extranhas e dominar-as, vencendo as difficuldades da vida e alcançando a verdadeira felicidade e a paz, peça já o MENSAGEIRO DA FORTUNA, de ARISTOTELES ITALIA. Só serve para pessoas adultas e não analphabetas. Pedidos ao mesmo, á CAIXA POSTAL 604 (rua S. José, 6) — Rio — Manda-se pelo correio gratis, a quem enviar este annuncio ou citar o nome desta revista. Não deixe para amanhã. Mande hoje mesmo. Peça-se muita farsa no nome.

	Votos
Escola primorosa	54
Espiritismo	52
A esposa de meu filho	50
A sultana do amor	44
Opalas do crime	41
Olhos da juventude	38
Bello sexo	38
Revelação	32
Com direito á felicidade	30
Pequenas levadinhas	28
Dansarino maluco	27
Os fidalgos da casa mourisca	22
Não troqueis vossos maridos	21
Coração incandescente	19
Peccado esplendido	14
As duas garotas de Paris	12
Aventuras de Tarzan	11
Cavalleiro fantasma	11
Madame Recamier	11
O mysterio do 13	11
O lyrio do lodo	10
O tenor	10
Atravez Broadway	10
A ladra	10
Repudiada	10

E os mais com menos de 10 votos.

Muitas pessoas ignoram que no espaço de 2 horas os restos de comida, doces, etc., ficam nos interstícios dos dentes e começam a fermentar. Esta fermentação é que é a causa da carie dos dentes e do máo halito. Usando o dentifricio medicinal

ODORANS

evita-se esta acção prejudicial. Bastam algumas gottas num copo d'agua. Compre hoje mesmo um vidro, pelo preço modico de 2\$500. A venda em toda a parte e no deposito geral: Casa Hermann, Rio.



Pó de Arroz

GLOSSY

Adherente e perfumado

Caixa grande: 2\$500 — Pelo
Correio: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo
Correio: 1\$500

Caixa Postal: 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sello a

Carlos da Silva Araujo & C.

1º DE MARCO, 13 — 1º andar — RIO

O CIGARRO CHIC

DO

Mundo Esportivo



Fumo escolhido

Fino sabor

Cada carteirinha contém o retrato de um foot-baller paulista

A colleção compre-hende todos os o'ubos

SUCCESSO SEM PRECEDENTES!

PARC ROYAL

ALFAIATARIA

Algumas offerlas que submettemos aos que sabem comprar e desejam vestir bem:

TERNO DE PALETOT: casemira de côr, sob medida, de 110\$000, por	98\$000
TERNO DE PALETOT: casemira azul de côr, sob medida, de 130\$000, por	110\$000
TERNO DE PALETOT: casemira azul, sob medida, de 170\$000, por	150\$000
TERNO DE PALETOT: casemira de côr, sob medida, de 200\$000 por	220\$000
TERNO DE PALETOT: casemira azul — Ingleza — sob medida. Fei tio e aviamen- tos de 1ª qualidade, de 320\$000, por	250\$000

A nossa Alfaiataria acha-se sob a direcção dos mais habéis contra-mestres e está constantemente apparelhada com um grande sortimento de fazendas para obras de qualquer genero.

Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

Confidencias perigosas

Os *chauffeurs* às vezes levam as pessoas na frente, porque ha certas creaturinhas que se entregam a conversações insinuantes com o homem da roda. Afinal de contas, um *chauffeur* é um homem, e, como o seu titulo indica, um pouco mais ardente que a generalidade dos bipedes masculinos.

Os olhos nublam-se e as mãos vacillam, sob a impressão do odor delicioso que exhala uma mulher bonita.

Agora, se o odor provém do uso do Sabonete de Reuter, está claro que o effeito é imperioso e verdadeiramente subjugante e irresistivel.

Contava-nos um *chauffeur* joven e de boa apparencia as pilherias que havia trocado com uma sua cliente, na occasião em que viajava com cinco pontos de velocidade.

Esta lembrou-se de fazer-lhe perguntas á queima-roupa, levantando-se de seu logar e inclinando-se sobre as suas costas, que, dizia elle, sentiu dentro de si mais explosões que as que a essencia intermitentemente inflammada produzia na sua machina.

— Que sabonete! — exclamava o *chauffeur* — Quando me vi entre uma columna de um candieiro, um bond e um gallego! Só o Sabonete de Reuter, que é o melhor dos sabonetes, com o qual se lava o presidente da Republica e até o Padre Eterno!

Travei o freio, quiz recuar, e assim mesmo patinei quatro



metros no asphalto molhado, dando um leve estbarro no gallego, que rolou pelo solo (claro que nada lhe aconteceu, porque são de borracha) e ao levantar-se disse-me furioso:

— A policia devia multal-o por andar com tanta velocidade. E todo isto pelo cheirinho "embriagante" do rei dos Sabonetes: do Sabonete de Reuter!

Procure curar-se e fortalecer-se

Alguns dos productos pharmaceuticos do Dr. Raul Leite & C. resolvem difficuldades clinicas.

Lactovermil — Polyvermicida efficaz para qualquer verme intestinal (para adultos e creanças). inoffensivo, purgativo; bom paladar e o unico experimentado efficazmente em diversos postos de Prophylaxia Federal. Valiosos attestados experimentaes.

Guaraina — (COMPRIMIDO) — Contra qualquer dor e tonico do coração, ao contrario dos similares, verdadeira maravilha, para enxaquecas, dor de cabeça, nevralgia, dor de ouvidos, etc., etc.

Laxo-purgativo — (INFANTIL) — Admiravel para as creanças, unico no genero, efficaz como laxante ou purgante; tem paladar de assucar, não habitua o organismo, é inoffensivo; experimentado no Instituto Moncorvo com optimo resultado.

Tonico infantil — (SEM ALCOOL) — Reconstituinte das creanças; paladar agradável e effeito seguro.

Guaranil — O tonico mais completo da actualidade, reconstituinte poderoso, agradável, com base de genuino guaraná, kola e cocca; bom para a pelle, nervos e para prevenir a velhice precoce.

Purgoleite — (PASTILHAS PURGATIVAS) — Effeito seguro e paladar de confeito. Purgante e laxante ideal porque não produz colicas. Quem o experimentar já mais tomará outro.

Crema infantil — (DE PO' DEXTRINISADO) — Alimenticio — 12 variedades: com enorme venda em todo o Brasil.

Leite infantil — Na falta do leite materno é o melhor substituto.

Dr. Raul Leite & C. — Rua Gonçalves Dias, 73 — Laboratorio — Rua Visconde de Itauna, 185 — Rio. — S. PAULO — Rua Washington Luis, 2 — Telephone Central 2851.

LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

A REALIZAREM-SE EM MAIO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos

Em 20 de Maio 100:000\$000 por 15\$400
Em 27 de Maio 100:000\$000 por 7\$700
No preço dos bilhetes já está incluído o selo. Agentes gemes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 94, Caixa do Correo n. 817 — Endereço teleg. Lusvel — Rio de Janeiro.

RHEUMATISMO AGUDO



Maracás (Bahia), 6 de Julho de 1913.
Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHO.

Com immenso prazer que lhes dirijo a presente. — Soffria a cerca de 8 annos de um RHEUMATISMO AGUDO, e tendo já empregado todos os medicamentos que usa a medicina e não tendo obtido resultado algum, resolvi tomar o "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, aconselhado pelo Sr. Braz Acopetta, negociante nesta cidade. Usando somente 3 vidros fiquei completamente curado. Podendo fazer da presente o uso que lhes convier, sou

De VV. SS. Crd e Obd.

BUONO GAITANO.

(Firma reconhecida).

Em latas e
garrafas

A' venda
em toda
a parte.



AZEITE SOL LEVANTE

AZEITE SOL LEVANTE... é a mió
marca do mundo!

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGUENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo therapeutico e que irritam a pelle com a gordura rançosa que contém.



sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as roupas, de uso facil, commodo e rapido, não obstruindo os póros da pelle e não impedindo a sua perfeita respiração, que é o unico meio de se conservar perfeita e evitar as rugas da velhice.

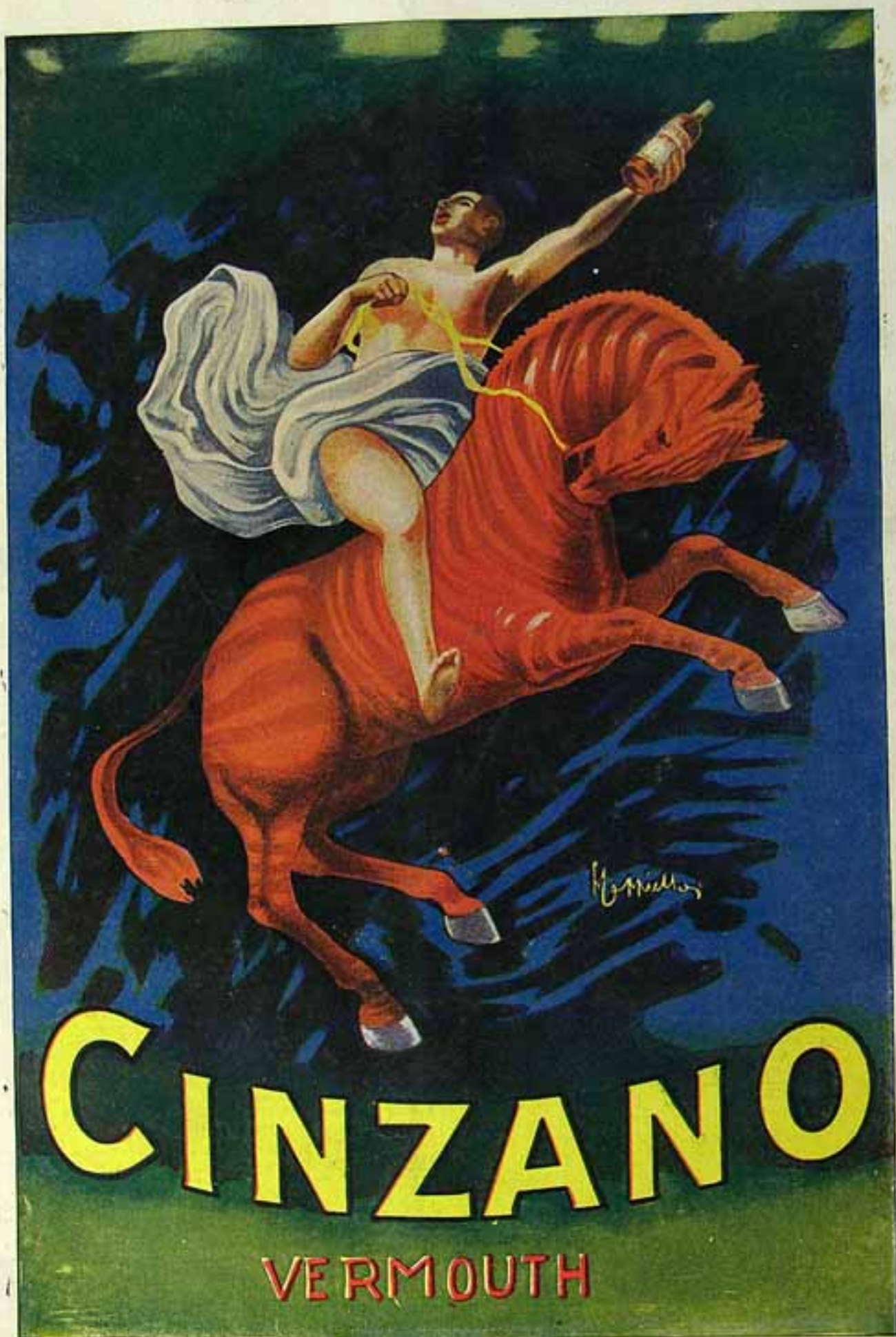
A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro adoptado na Europa, Norte-America, Argentina, Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura efficazmente as molestias da pelle, feridas, dorthros, eczemas, suor dos pés e dos sovacos, queda dos cabellos, etc. O seu uso constante conserva a pelle fresca e evita as rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso, evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias.

1º preço: 3\$000

Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 88 e S. Pedro, 99 — Rio de Janeiro.



CINZANO

VERMOUTH